



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADÊMICA DE LETRAS
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA

ALDECI GOMES QUARESMA

LEITURA E ESCRITA: UMA PRÁTICA SOCIAL

CAJAZEIRAS - PB

2018

ALDECI GOMES QUARESMA

LEITURA E ESCRITA: UMA PRÁTICA SOCIAL

Monografia apresentada ao Curso de Letras-Licenciatura em Língua Portuguesa, da Unidade Acadêmica de Letras, do Centro de Formação de Professores da Universidade Federal de Campina Grande.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Hérica Paiva Pereira

CAJAZEIRAS - PB

2018

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação - (CIP)
Josivan Coêlho dos Santos Vasconcelos - Bibliotecário CRB/15-764
Cajazeiras - Paraíba

Q18l Quaresma, Aldeci Gomes.
Leitura e escrita: uma prática social / Aldeci Gomes Quaresma. -
Cajazeiras, 2018.
56f.: il.
Bibliografia.

Orientadora: Profa. Dra. Hérica Paiva Pereira.
Monografia (Licenciatura em Letras - Língua Portuguesa) UFCG/CFP,
2018.

1. Retextualização. 2. Texto. 3. Letramento. 4. Gêneros textuais. 5.
Língua portuguesa - ensino. I. Pereira, Hérica Paiva. II. Universidade
Federal de Campina Grande. III. Centro de Formação de Professores. IV.
Título.

ALDECI GOMES QUARESMA

LEITURA E ESCRITA: UMA PRÁTICA SOCIAL

Monografia apresentada ao Curso de Letras – Licenciatura em Língua Portuguesa da Unidade Acadêmica de Letras do Centro de Formação de Professores da Universidade Federal de Campina Grande.

Aprovado em: 13 / 03 / 2018

BANCA EXAMINADORA

Hérica Paiva Pereira

Prof.^a Dr.^a Hérica Paiva Pereira
(UAL/CFP/UFCG - Orientadora)

Abdoral Inácio da Silva

Prof. Esp. Abdoral Inácio da Silva
(UAL/CFP/UFCG – Examinador 1)

Henrique Miguel de Lima Silva

Prof. Me. Henrique Miguel de Lima Silva
(UAL/CFP/UFCG – Examinador 2)

Ao meu esposo Vicente Barroso a minha filha
Maria Biatríz e a minha mãe Maria Quaresma.

Dedico.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar a Deus, que me iluminou durante toda minha caminhada, com amor e proteção, sempre me mantendo firme e forte em meus desejos e objetivos, toda honra e glória a ti Senhor.

À minha mãe, que mesmo não sendo alfabetizada, mostrou-se possuir uma grande riqueza de experiências, ajudando-me em todos os momentos. Obrigada por acreditar em mim.

Aos meus irmãos, pelo apoio, e por sempre crerem em meu sucesso.

Em especial ao meu esposo, Vicente Barroso Neto, pelo apoio, amor e paciência.

A minha filha Maria Biatríz, por ter sido a maior razão para vencer todos os desafios ultrapassados durante estes longos anos.

Aos amigos e parentes próximos, pela compreensão do meu isolamento durante alguns momentos de dedicação na fase final deste trabalho.

À minha orientadora, Prof.^a Dr.^a Hérica Paiva Pereira, por seu apoio, carinho, profissionalismo, paciência e amizade.

Aos colegas da turma de Letras, por compartilharmos saberes, angústias e pela oportunidade da convivência.

Finalmente, agradeço a todos os demais aqui não citados nesta lista de agradecimentos, mas que, de alguma forma contribuíram na minha jornada acadêmica e na pessoa que eu sou. Obrigada!

“Não há sentimento que alcance um coração duro e pequeno; nem sabedoria que toque uma mente fechada; tampouco calor humano que aqueça uma alma vazia. O mérito do aprendizado será sempre de quem permitiu-se afetar...”

Sócrates Magno Torres

RESUMO

Este trabalho tem o objetivo de compreender como ocorre o processo de retextualização do gênero oral para o gênero escrito, na perspectiva do letramento, desenvolvendo assim, o trabalho com o texto em sala de aula, através dos gêneros textuais. Para isso foi necessário entendermos os conceitos e aportes da Linguística textual, texto, letramento, gêneros textuais e o processo de retextualização. Esta pesquisa está fundamentada, principalmente, nos aportes teóricos de Koch (2013,2004), Marcuschi (2002, 2008, 2010), Antunes (2003 ,2010), soares (2001) e Kleiman (2006). Enquanto que a metodologia é uma pesquisa bibliográfica, de caráter descritivo, sob uma abordagem qualitativa, que busca descrever a importância do trabalho com a retextualização na construção de novos textos. Os resultados obtidos nessa pesquisa mostram que a retextualização, atrelada à prática do letramento, pode dar uma grande contribuição às atividades de produção textual, em sala de aula, isso porque desenvolve habilidades e competências linguísticas como também considera as práticas sociais do aluno. Nessa perspectiva, apresentamos uma proposta de intervenção pedagógica, a ser trabalhada com alunos do 6º ano do Ensino Fundamental II, sobre o processo de retextualização do gênero cordel para o gênero conto, com o intuito de contribuir com os alunos nas suas habilidades de escrita e compreensão textual.

Palavras-chave: Texto. Retextualização. Letramento. Gêneros textuais.

ABSTRACT

This work aims to understand how the retextualization process from oral to written genre happens with the literacy approach, thus developing the work with the text in the classroom through textual genres. To this end, it was necessary the understanding about the concepts and theories from the Textual Linguistics, text, literacy, textual genres and the retextualization process. This research is based, mainly, in Favero and Koch's theories (2013,2004), Marcuschi (2002, 2008, 2010,), Antunes (2003,2010), Soares (2001), Kleiman (2006) . While the methodology is a literature research, withwith a descriptive study in a qualitative approach that search to describe the importance of work with a retextualization in new texts production. In this research, the results obtained shows that the retextualization tied to the practice of literacy can help in activities about textual production in classroom. It is because the retextualization develops linguistic skills and competencies as well as it considers the social practices of student. In this perspective, it will be presented a proposal of pedagogical intervention to be worked with students in 6th grade of basic education II, about the retextualization process from genre twine to literary genre tale with the goal to contribute to the students in theirs writing skills and textual understanding.

Keywords: Text. Textual genres. Literacy. Retextualization.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Diagrama 1-	Fluxo de ações.....	23
Diagrama 2 -	Nove operações textuais-discursivas na passagem do texto oral (base), para o texto escrito (retextualizado).....	24
Figura 1 -	Gênero Charge.....	33
Figura 2-	Gênero Fábula.....	34
Figura 3-	Imagens de cordéis.....	35
Quadro 1 -	Possibilidades de Retextualização.....	21
Quadro 2 -	Variáveis entre as duas modalidades, fala e escrita.....	22
Quadro 3-	Composição do Gênero Cordel	29
Quadro 4-	Estudo do texto base.....	35
Tabela 1-	Estrutura do Gênero Conto.....	31

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 A LEITURA E A ESCRITA NA CONSTRUÇÃO DE NOVOS TEXTOS.....	12
2.1 A INFLUÊNCIA DO CONHECIMENTO DE MUNDO NA LEITURA E NA ESCRITA	12
2.2 O LETRAMENTO: UMA PRÁTICA SOCIAL QUE ENVOLVE LEITURA E ESCRITA	14
2.3 O TEXTO COMO INSTRUMENTO NORTEADOR PARA O DESENVOLVIMENTO DA LINGUAGEM	16
2.3.1 Retextualização: um processo de multiplicação de gêneros textuais	19
2.4 OS GÊNEROS TEXTUAIS COMO INSTRUMENTOS NORTEADORES EM SALA DE AULA	25
2.4.1 Gênero Cordel na perspectiva do nordeste brasileiro	27
2.4.2 Gênero Conto.....	30
3. UMA PROPOSTA DE RETEXTUALIZAÇÃO NORTEADA PELAS PRÁTICAS DE LETRAMENTO: DO CORDEL PARA O CONTO.....	32
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	399
REFERÊNCIAS	41
APÊNDICE A – Retextualização do Cordel PRINCESA DA PEDRA FINA.....	43
APÊNDICE B – Cordel a história da PRINCESA DA PEDRA FINA.....	45

1 INTRODUÇÃO

Os estudos que nortearam esta pesquisa visam apresentar alguns eixos que servirão como aporte teórico para a construção do texto. Para isso destacamos a importância, conceitos e características da Linguística Textual dos Gêneros Textuais e do Processo de Retextualização que acompanham este procedimento, de modo que os usuários da língua possam entender a complexa engrenagem que há em uma produção textual.

O interesse pelo trabalho com gêneros surgiu a partir das experiências vivenciadas durante os estágios, após o contato com a sala de aula que nos fez refletir qual seria a melhor maneira de trabalhar a produção textual, para que de fato, os alunos, obtivessem um aprendizado satisfatório. Esta experiência, compartilhada com outros colegas estagiários, nos permitiu compreender que o trabalho com os gêneros textuais seria a melhor estratégia.

Tendo em vista as cobranças da sociedade, para com os usuários da língua, podemos dizer que os professores, como seus mediadores, devem disponibilizar atividades de produções textuais, com os mais variados gêneros, tendo como objetivo formar alunos com proficiência na sua língua materna, tanto na modalidade oral como escrita, para que possam interagir de forma plena na sociedade. Desse modo fica claro o papel da escola como mediadora da formação de sujeitos letrados, capazes de atuarem na sociedade de forma crítica e ativa como cidadãos.

Em primeira instância voltamos os nossos estudos para a Linguística Textual, que tem como objetivo principal investigar o texto, durante sua construção, já que é através dele que o usuário da língua se comunica. Portanto, é na comunicação que a linguística textual age, para que o falante construa um texto com coesão e coerência, de modo que o leitor, ou público alvo da mensagem possa entender o que foi dito, ou seja, possa compreender o texto.

Logo após abordaremos o estudos dos Gêneros Textuais que sem eles seria impossível trabalhar os textos. Nesta perspectiva tomamos por base os estudos de Marcuschi (2008), que diz que: muitas vezes fazemos uso dos gêneros sem identificá-los, ou seja, nós usuários da língua, na maioria de nossas práticas diárias utilizamos gêneros, mas não os conhecemos. Para que isso não aconteça é necessário que os produtores do texto, conheçam e identifique-os e saibam utilizá-los nos diferentes contextos sociais em que se encontram perante a sociedade, agindo como sujeitos proficientes da linguagem comunicativa.

Outra instância que será abordada é o processo de retextualização, visto esta ação como uma forma de aprimorar os conhecimentos dos discentes e usuários da língua. Neste contexto entendemos que a construção de um texto se dá a partir de outros textos bases, sejam

eles da modalidade oral ou escrita. Dessa forma, a retextualização ocorre do oral para o escrito, do escrito para oral, etc, dentro de um mesmo gênero, ou através da mudança para outro gênero textual, desde que a temática permaneça a mesma, podendo ser acrescida por outras informações que o usuário da língua utiliza através dos seus conhecimentos prévios.

Nesta perspectiva o objetivo geral deste trabalho é conhecer o processo de retextualização da oralidade para a escrita. Como objetivos específicos, queremos argumentar acerca da importância da linguística textual neste processo; refletir sobre o papel dos gêneros textuais para o aprimoramento do domínio da língua materna e apresentar uma proposta de intervenção, na modalidade oral para a escrita, tendo por base o gênero cordel que será retextualizado para o gênero conto.

Como aporte teórico para embasamento discursivo da pesquisa, utilizamos principalmente os trabalhos de MARCUSCHI (2002, 2008, 2010), ANTUNES (2003, 2010), KOCH (2004, 2013) e KLEIMAN (2006) entre outros. Enquanto a Metodologia é uma pesquisa bibliográfica, de cunho qualitativo, que utilizou livros, artigos escritos e virtuais entre outros meios com a intenção de conhecer mais profundamente as teorias que norteiam as temáticas aqui tratadas. Esta apresenta uma abordagem sobre a construção do texto na ótica da Linguística textual, tendo como critérios a sua origem, conceitos de texto e seu processo de compreensão tanto na modalidade escrita como na oral.

Este trabalho está distribuído em três capítulos, em que o primeiro introduz a pesquisa, ao apresentar os elementos constitutivos do que queremos trabalhar. O segundo capítulo desenvolve a fundamentação teórica, apresentando a importância da leitura e da escrita na construção de novos textos; a influência do conhecimento de mundo na leitura e na escrita; o letramento como prática social de leitura e de escrita; o texto como instrumento norteador para o desenvolvimento da linguagem; a retextualização como um processo de multiplicação de gêneros textuais; os gêneros textuais, em especial os gêneros cordel (texto base), que será retextualizado para o gênero conto (novo texto a ser construído), que servirá de suporte metodológico para a proposta de intervenção pedagógica aqui apresentada.

No terceiro capítulo, apresentamos uma proposta de intervenção pedagógica, norteadora pelas práticas de letramento, através de um processo de retextualização, partindo do cordel para o conto, a ser aplicada a alunos do 6º ano do Ensino Fundamental.

Enfim, esperamos poder contribuir, com esta pesquisa, para que o trabalho com os gêneros textuais, cada vez mais se torne uma prática comum a ser utilizada em sala de aula, afim de que nossos alunos possam conhecer um número sempre maior desses gêneros, que circulam no nosso dia a dia e também na escola.

2 A LEITURA E A ESCRITA NA CONSTRUÇÃO DE NOVOS TEXTOS

A leitura e a escrita caminham juntos e são essenciais na nossa vida e para o desenvolvimento do país, por isso, a qualidade da educação deve vir em primeiro lugar e o professor tem o papel fundamental, enquanto um profissional de formação. Para tanto, precisam engajar-se socialmente, politicamente e conhecer o tipo de sociedade em que atuam, como por exemplo, os fatores sociais, econômicos e culturais de seus alunos.

Desse modo, falar em processo de ensino aprendizagem incide em falar sobre o ato de ler e escrever, por serem elementos fundamentais que constituem essa construção. Portanto, a aquisição dessas duas habilidades nos leva ao reconhecimento de palavras, por isso, quanto mais as conhecemos, mais nos tornamos aptos para compreendê-las.

Portanto, a leitura e a escrita são essenciais, não apenas para o uso cotidiano, mas principalmente para a interpretação de mundo que cada pessoa traz da sua experiência de vida. Dessa forma, o professor, como mediador ativo nessa construção, tem um papel fundamental nesse processo, por isso ele deve dar o exemplo, ou seja, deve ser o primeiro a gostar de ler e escrever para assim atrair seus alunos a essa prática. Isso aproxima o aluno do professor, ajudando-o a desenvolver-se através de uma relação de interação contínua, por meio da interpretação e da construção de novos textos.

Nessa perspectiva, o capítulo que segue, além de tratar da importância da leitura e da escrita, aborda caminhos norteadores para o seu desenvolvimento através de práticas de letramento, por meio dos gêneros textuais, que envolvem os conhecimentos prévios dos discentes, assim como a influência de suas culturas, valores, etc. na compreensão dos textos.

Para isso, apresentamos também os conceitos de texto e de retextualização que embasarão a proposta de intervenção pedagógica que desenvolveremos no terceiro capítulo.

2.1 A INFLUÊNCIA DO CONHECIMENTO DE MUNDO NA LEITURA E NA ESCRITA

A leitura e a escrita têm um lugar privilegiado na nossa vida, pois é através delas que podemos associar ideias, planos, sintetizar assuntos, tornando-nos mais críticos e criativos na nossa atuação no mundo em que vivemos. Por isso elas não podem estar separadas, pois ambas são apropriações de uma realidade que é sempre uma produção humana.

Destarte, aprender a ler o mundo e a palavra escrita é uma prática fundamental para mudar as pessoas e para as pessoas mudarem o mundo. Nessa ótica, Paulo Freire (1998) afirma que a leitura tem um papel importante no processo de libertação dos que vivem oprimidos, alienados e também excluídos. A leitura crítica do mundo e da palavra escrita é fundamental para impedir a destruição da nação, na valorização da cultura nacional, enquanto raiz e identidade do povo em geral.

As várias estratégias de leitura e escrita em sala de aula, segundo Cavalcante (2012, p. 19-20) “refletem a visão de linguagem do professor, além de revelar a relação professor-professor, professor/livro didático e aluno-aluno com o texto.” Infelizmente, ainda temos um modelo em que, muitas escolas, estão distantes de inserir a perspectiva interacional das práticas cotidianas do aluno, ou seja, tem um padrão engessado de leitura que não condiz com a realidade em que este está inserido. Podemos constatar nas práticas pedagógicas, ainda fortemente ligadas aos métodos estruturalistas voltados para a gramática propriamente dita, descartando o contexto e a prática social do aluno.

Nesse sentido, é necessário, urgentemente, pensarmos em estratégias que atendam às necessidades da sociedade moderna que queremos para nossos alunos, considerando que estamos trabalhando com indivíduos do século vinte e um, e portanto, cercados por um mundo cada vez maior de signos. Sendo assim é tarefa do professor, formar sujeitos críticos e responsáveis, capazes de interpretar, por diversos ângulos, as mais diversas realidades vividas nos diferentes aspectos da vida.

Durante muito tempo no Brasil a leitura, trabalhada nas cartilhas de alfabetização através dos métodos sintéticos e analíticos, segundo Mortatti (2008) era entendida simplesmente como uma forma de decodificação em que se convertiam letras em sons. Em função dessa visão, a escola formou uma grande quantidade de leitores inaptos, que apresentavam problemas de compreensão de textos, embora soubessem decodificá-los, como é o caso dos analfabetos funcionais, ainda muito encontrados em nosso país. Nessa visão, Antunes (2003, p,28) aponta uma série de lacunas no ensino de leitura, dentre elas destaca “uma atividade de leitura desmotivadora, voltada para avaliação.” Nessa perspectiva a leitura seria apenas decodificar as palavras, os alunos não eram instigados a inferir diferentes sentidos ao texto.

É por meio da leitura e escrita que exercitamos nossa inteligência e nos integramos com o mundo através de novos conhecimentos, tornando-nos mais aptos para dominar assuntos em diversas situações do cotidiano. Portanto, a prática de leitura deve ser feita de

forma prazerosa, pois o livro é ótima companhia, e muitas vezes, através de uma boa leitura, podemos viajar por lugares inimagináveis.

Dessa forma, o verdadeiro ato de ler é um processo de atribuições de sentidos ao texto, isto é, a partir de conhecimentos que já possui, o leitor interage com o texto, construindo assim um significado. No entanto, vale salientar que não se cria leitores da noite para o dia, assim como não se cria uma nova sociedade sem esses leitores críticos, capazes de enfrentar com lucidez, consciência e capacidade a dominação econômica, social e cultural que a sociedade oferece.

Essa questão referencia nossa atual educação no sentido de ampliar nossa base como sendo primordial no desempenho não só da leitura na escola, como também da leitura de mundo. Agindo desta forma estamos preparando o aluno para a vida, não só através de um empenho cultural, mas também na ampla capacidade de criar soluções dentro de uma sociedade cheia de obstáculos.

Para reafirmar essa visão, Kleiman (2006) ressalta que nossas atividades são realizadas no mundo social, em situações concretas, portanto é através da linguagem, nas suas diferentes modalidades e nos vários contextos de interação, que nos desenvolvemos.

A escola não pode se isentar da responsabilidade de auxiliar os alunos a aprenderem a ler e escrever, portanto é preciso assumir compromissos, junto a todos que fazem a educação, na realização de trabalhos coletivos em que os alunos possam vivenciar experiências de leitura e de escrita em todas as disciplinas do currículo escolar através de atividades que despertem o interesse por essa prática que ultrapassa os limites da escola ao trazer os conhecimentos prévios e experiência social de seus alunos.

Portanto, pensando em um trabalho em grupo ao implantar ações que se revertam em aprendizagem, os educadores, em suas metodologias diárias, devem contribuir para o desenvolvimento de leitores e escritores que sejam capazes de compreender e inferir sentido aos textos.

2.2 O LETRAMENTO: UMA PRÁTICA SOCIAL QUE ENVOLVE LEITURA E ESCRITA

Além da importância do desenvolvimento da leitura e da escrita para os indivíduos, é indispensável dar destaque ao letramento, pois seu maior objetivo é desenvolver a aprendizagem por meio de práticas sociais conhecidas e vivenciadas pelos educandos. Sobre esse assunto Tfouni (1997, p. 20) afirma que: “enquanto a alfabetização se ocupa da aquisição

da escrita por um indivíduo, ou grupo de indivíduo, o letramento focaliza os aspectos sócio-históricos da aquisição de um sistema escrito por uma sociedade.”

Logo, o letramento não está refém apenas daquelas pessoas que adquiriram a escrita, ou seja, os alfabetizados, mas sim, e principalmente investiga ausência da escrita a nível individual relacionando-a com a estrutura social. Esse entrelaçamento se faz necessário porque, a falta ou presença da escrita na sociedade são fatores determinantes nas transformações sociais e culturais.

Ainda para a autora, o indivíduo da escrita é dominado por uma onipotência que produz um efeito força, isto é, poder; já o indivíduo do letramento, não é necessariamente alfabetizado, ou seja, nem sempre estão ao seu alcance práticas discursivas que materializam em portadores de textos específicos.

Nessa perspectiva, é importante atentarmos para que o ambiente escolar não seja o único presente na vida dos alunos. Eles vivem outra realidade fora da escola e trazem muitas informações, conhecimentos e práticas decorrentes do cotidiano deles. Segundo SOARES (2001):

[...] a pessoa que aprende a ler e a escrever – que se torna alfabetizada – e que passa a envolver-se nas práticas sociais de leitura e escrita – que se torna letrada- é diferente de uma pessoa que não sabe ler e escrever – é analfabeta – ou, sabendo ler e escrever, não faz uso da leitura e da escrita – é alfabetizada, mas não letrada, não vive no estado ou condição de quem sabe ler e escrever e pratica a leitura e escrita. (SOARES, 2001, p. 36).

Podemos então afirmar que o letramento é um termo que sempre esteve ligado à alfabetização, que por sua vez está ligada às capacidades individuais de codificar, decodificar, compreender, interpretar, replicar, intertextualizar etc. Vale ressaltar que nem sempre a pessoa alfabetizada possui um alto nível de letramento, porque não é capaz de desenvolver-se nas práticas sociais que a sociedade oferece.

No que diz respeito ao letramento, este está ligado ao contexto crítico, social e reflexivo que envolve várias práticas. Portanto, o letramento é cultural, é influenciado pela sociedade, pela a leitura visual, e as várias linguagens podem levar a um letramento. Um exemplo disso podemos citar uma pessoa que não sabe ler e escrever, mas que sabe utilizar o caixa eletrônico no banco, isso, sabe atuar em uma prática social.

Voltando ao aluno, podemos afirmar que ele é um produto do meio em que vive, portanto tem uma cultura, valores, crenças, conhecimentos prévios, etc. que precisam ser

respeitados e considerados em sala de aula, fazendo uma ligação entre o que ele traz da sua experiência e os conteúdos abordados na escola.

Para reconfirmar que letramento se constitui de um conjunto de práticas sociais, e estas podem ser mediadas por textos escritos, Marcuschi (2002, p. 19) afirma: “o letramento não é o equivalente à aquisição da escrita. Existem ‘letramentos sociais’ que surgem e se desenvolvem à margem da escola, não precisando por isso serem depreciados.”

Nesse caso, para o autor, o letramento está associado ao conhecimento que o ser humano vem adquirindo ao longo da sua trajetória de vida e, conseqüentemente está diretamente ligado à leitura, escrita e à alfabetização, mesmo se possua conceito diferenciado, esse se torna uma questão multidisciplinar em busca de um aprimoramento da educação. O seu principal objetivo é tornar o indivíduo autônomo na comunicação e no meio social, servindo para a aquisição da leitura e a escrita no âmbito social. Portanto, enquanto o letramento se preocupa com o desenvolvimento social e crítico dos alunos, a alfabetização busca o permanente processo da aprendizagem da leitura e escrita, embora nem sempre este processo seja devidamente aplicado de forma a obter o resultado desejado.

Kleiman (2006) afirma que o letramento permite compreender as diferentes atitudes tanto de comportamento que são atribuídas as diferenças de eventos (de fala ou de letramento) e das diferentes instituições (política, publicitária, artística, do cotidiano). Assim é importante ter familiaridade com a prática social, dos conhecimentos necessários para serem usados numa instituição.

Longe de chegarmos a uma conclusão definitiva, para o momento consideramos que, o sujeito letrado e alfabetizado está em uma condição de poder mais elevado do que o sujeito letrado e não alfabetizado. O fato de estar inserido em uma sociedade, não é garantia de participação ativa, bem como o conhecimento não está à disposição de todos. É necessário cada um buscar o seu espaço, pois a sociedade está cada vez mais globalizada, fator esse que exige muito mais de nós.

2.3 O TEXTO COMO INSTRUMENTO NORTEADOR PARA O DESENVOLVIMENTO DA LINGUAGEM

É através do funcionamento da língua e de sua diversidade concreta de produção, que interagimos de forma convicta e consciente e que, para se chegar às construções dos discursos, podemos dizer que há um conjunto de pensamentos que se organizam e se relacionam através de um contexto formando um todo.

O ensino de língua portuguesa envolve várias áreas de conhecimento e um amplo campo linguístico. Cada professor busca indeterminadas maneiras suprir a necessidade de transmissão desses conteúdos de forma com que o aluno venha a assimilar e absorver todo esse conhecimento. Nesse sentido, a alfabetização é foco de diversas discussões na área educacional e os seus métodos utilizados para tal prática são fontes de questionamentos e vários estudos, porque quando falamos em alfabetizar, logo nos remetemos à aprendizagem, ao conhecimento e à interação pela comunicação que vai além da escola, e não apenas como um processo metódico que ocorre dentro da sala de aula entre professor e aluno.

Durante muitos anos o ensino de Língua Portuguesa esteve norteado pelos parâmetros da gramática tradicional, sendo priorizados na alfabetização, os métodos tradicionais que consideravam o estudo de forma descontextualizado e mecânico da língua, ao trabalhar as letras e palavras isoladas, sem nenhum significado para o aluno, Repercutindo até hoje, na prática pedagógica de muitos professores, acarretando graves consequências para os anos que seguem a alfabetização, ao seguirem um estudo voltado para os exercícios e classificação de termos gramaticais em que não há espaço para atividades de produção e compreensão de textos, dificultando assim a competência comunicativa dos alunos.

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais - PCN (1998) o texto deve ser considerado o objeto concreto de trabalho nas aulas de língua portuguesa ao abordar possibilidades várias de focar os conteúdos gramaticais de forma contextualizada. Alguns conteúdos gramaticais podem ajudar, no processo de compreensão de texto, a perceber implícitos, intenções, ações, posicionamentos, efeito de sentido etc. presentes nos vários textos em circulação social e, na produção de textos, a se adequar melhor a diferentes objetivos e situações.

A partir dessa visão a gramática deixa de ser, meramente, um ensino mecânico, baseado em regras e exercícios de classificações e passa a ser ensinada de forma situada em determinadas ocorrências, permitindo aos aprendizes a inferência de sentidos ao texto.

Dentro dessa nova visão, de um ensino baseado no texto é que entra a questão dos gêneros textuais, que circulam em nosso meio, no ensino aprendizagem, a diversidade de gêneros que envolvem cada indivíduo dá suporte a criações e a relatos que expandem o processo de produção textual. O conteúdo e a linguagem variam mediante o conhecimento de cada um, como também ao seu contexto social, na qual está relacionado. Koch (2013, p. 7), nos diz que “a construção de um texto exige a realização de uma série de atividades cognitiva-discursivas que vão dotá-lo de certos elementos, propriedades ou marcas.” em que o indivíduo, através de sua interrelação social produz o seu texto com características própria, se apoderando de fatores compartilhados com diversas experiências mútuas e complexas, adquiridas através de convenções socioculturais.

Nesse sentido, o falante deve investigar a construção, compreensão e o funcionamento do seu texto, ou seja, neste momento, deve dar importância aos textos no contexto pragmático, tendo presente a intencionalidade do seu texto, que estuda além da construção da frase (sintaxe), e do seu significado (semântica), os objetivos da comunicação.

Nesse contexto, a linguística textual vai muito mais além do que uma junção de frases, ou seja, para que o leitor possa diferenciar o texto coerente de um aleatório de palavras, é necessário que o falante, tenha capacidade específica em sua competência textual, para que assim o mesmo possa parafrasear, construir um texto, e perceber o que realmente é necessário para a sua construção, de modo que o mesmo seja preparado para situações textuais do dia a dia, deixando claro que palavras aleatórias juntas sem intencionalidade não constituem um texto.

E para que um conjunto de palavras possa ser identificado como um texto é necessário, segundo KOCH (2013), o uso dos critérios textuais: a coesão, a coerência, a intencionalidade, a aceitabilidade, a informatividade, a intertextualidade, a situacionalidade. Esses critérios, por sua vez, darão mais clareza ao que se escreve, de modo que os leitores possam entender a intenção do texto.

A coesão se preocupa com os recursos gramaticais e lexicais e a forma como eles se relacionam na construção do texto e no encadeamento de palavras, orações e outros, proporcionando assim a continuidade do texto. No que diz respeito à coerência, seu encadeamento está voltado para o sentido, de modo que ele vai além dos aspectos linguísticos, ou seja, faz uso de elementos que constituem a situação comunicativa.

Para Koch (2013), quando falamos de coerência textual estamos nos referindo ao sentido do texto que pode ter vários elementos coesivos, e não estar coerente. Enquanto que a coesão é a conexão harmoniosa entre as partes do texto, fazendo a ligação entre as palavras e frases, para que haja uma lógica quando ligado ao outro. Já a coerência é a relação lógica fazendo com que umas complementem as outras, sendo ambas necessárias para a construção do texto.

A intencionalidade, por sua vez, se preocupa em expor no texto apenas o que tem sentido e é coerente, enquanto que a aceitabilidade admite que o ouvinte se esforce para que possa processar os sentidos e a intenção comunicativa.

No que se refere à informatividade, ela é tida na construção do texto como o novo, a imprevisibilidade, de modo que possa trazer para o usuário diferentes formas e conteúdos que possam nortear o texto. Já no caso da intertextualidade, é permitida a entrada de outros textos, já em circulação, no texto que está sendo produzido. E finalmente, na situacionalidade

encontramos a condição de que o texto aconteça em uma determinada atividade social, já que nenhum texto ocorre no vazio. Antunes (2010, p. 34) ainda diz:

[...] proponho, como propriedades do texto, a coesão, coerência, informatividade e intertextualidade. Proponho, como condições de efetivação do texto, a intencionalidade, a aceitabilidade e a situacionalidade. Para justificar essa reordenação, alego que a intencionalidade e a aceitabilidade remetem aos interlocutores e não ao texto propriamente.

Desse modo, é perceptível que para construção de um texto é necessário que o falante se imponha no momento do seu discurso, com uma linguagem mais clara, com um único objetivo, fazer com que o seu público alvo, entenda o seu texto, ou seja, a sua proposta comunicativa.

Portanto, a linguagem é tida como um instrumento de comunicação social que envolve cada indivíduo ou grupo para alcançar os seus fins desejados. Baseado nesse conhecimento, sabemos que o texto, é uma atividade comunicativa, que envolve situações de intensa interação social. Assim vemos que:

A produção textual é uma atividade verbal, a serviço de fins sociais e, portanto, inserida em contextos mais complexos de atividades. Trata-se de uma atividade consciente, criativa, que compreende o desenvolvimento de estratégias concretas de ação e a escolha de meios adequados à realização dos objetivos; isto é, trata-se de uma atividade intencional [...] tentando dar a entender seus propósitos [...]. (KOCH, 2013, p. 26).

Assim toda a atividade do texto seja ela oral ou escrita é tida como construção, tanto para quem recebe como para quem escreve, através de um processo de interação.

Enfim, a visão de língua a ser trabalhada atualmente rompe com as fronteiras da abordagem tradicional, visto que o ensino centrado somente na gramática não atende às expectativas esperadas no processo de compreensão e produção de textos.

2.3.1 Retextualização: **um processo de multiplicação de gêneros textuais**

Partindo da ideia de que as diferenças entre fala e escrita não são polares e sim gradativas, Marcuschi (2010) apresenta as operações mais comuns realizadas na passagem do texto falado para o texto escrito, denominando-a *retextualização*. De acordo com o autor:

A retextualização [...] não é um processo mecânico, já que a passagem da fala para a escrita não se dá naturalmente no plano dos processos de textualização. Trata-se de um processo que envolve operações complexas que interferem tanto no código como no sentido e evidenciam uma série de aspectos nem sempre bem-compreendidos da relação oralidade-escrita. (MARCUSCHI, 2010, p. 46).

Na perspectiva de Marcuschi (2010), o processo de retextualização não ocorre de forma natural, pois não podemos passar de um texto oral, que é considerado “descontrolado”, para um “bem estruturado” como o texto escrito sem que esse texto receba interferência do outro (escrito).

A retextualização é normalmente ignorada, mas de grande importância. Quando repassamos o que nos foi dito à outra pessoa, utilizamos um processo de retextualização, pois precisamos compreender o que foi dito, para conseguirmos repassar a mensagem sem que haja alteração. Esta mensagem pode ser repassada tanto na forma oral quanto escrita, desse modo não existem entre ambas, diferenças quanto aos conhecimentos que podem ser por elas produzidos e transmitidos.

O pesquisador afirma ainda, que o processo de retextualização acontece através da produção de um novo texto, ou seja, a partir de um texto-base. Para que este processo decorra como se espera, é necessário que o professor, como mediador de seus alunos, durante a apresentação dos textos, mostre que a retextualização não é apenas a reprodução do mesmo texto, mas sim, a construção de um novo texto que pode ultrapassar os seus limites, através dos mais variados tipos e gêneros textuais. Vale salientar que esse processo deve fazer uso dos aspectos linguísticos, para que se tenham subsídios necessários para a compreensão e a produção do texto.

Nesse ponto de vista, retextualizar vai muito mais além de transcrever a linguagem oral para a escrita, porque ela possibilita criar condições para a produção de novos gêneros, desencadeando textos que permitem serem modificados, atendendo assim, às necessidades dos seus usuários.

Sendo assim, para construirmos um novo texto é necessário compreendermos o conteúdo do texto base, para não distanciarmos da temática na elaboração do texto a ser construído, como também considerar os aspectos linguísticos, da interpretação, da coerência, entre outras características que constituem o texto base. Em síntese, só poderemos refazê-lo em outras modalidades, tipologias e gêneros textuais, tendo um amplo conhecimento do que o texto base relata para que o novo texto não fuja da coerência do texto, ou seja, do sentido original.

Nesta perspectiva, podemos observar que a retextualização não é necessariamente maquinal, ou seja, não existe uma fórmula pronta. Portanto, não necessita métodos manuais

para ser exercida, pois a passagem da fala para escrita acontece de forma natural, conforme a necessidade discursiva do usuário da língua.

É importante salientar que as atividades textuais de fala e escrita devem mostrar as diferenças encontradas nas duas modalidades dos gêneros textuais trabalhados, de modo que possamos detectar as transformações nos textos, conhecidas por processo de retextualização.

Observando a fala e escrita e suas combinações, segundo Marcuschi (2010), temos as seguintes possibilidades de retextualização.

Quadro 1 – Possibilidades de Retextualização

1. Fala	→ Escrita	(entrevista oral → entrevista impressa)
2. Fala	→ Fala	(conferência → tradução simultânea)
3. Escrita	→ Fala	(texto escrito → exposição oral)
4. Escrita	→ Escrita	(texto escrito → resumo escrito)

Fonte: Marcuschi (2010, p. 48).

Essas possibilidades são práticas rotineiras, utilizadas pelos usuários da língua, nas suas formas de reformulações do mesmo texto, compondo-se dos mais variados, gêneros e estilos. Para isso é importante ficar claro que tudo que repetimos, ou seja, que já foi dito, pode ser transformado em um novo texto que teve origem em um texto base.

Na primeira possibilidade do processo de retextualização temos a transformação da fala para escrita. Neste ponto podemos abordar exemplos de nossas atividades do dia a dia, como o caso de uma secretária que anota o que seu chefe fala para redigir uma carta. Enquanto que, da fala para a fala, podemos exemplificar com esta mesma secretária que faz anotações de uma reunião para depois expor em outra reunião o que foi abordado.

Exemplos da escrita para a fala, podemos citar o falante que conta para outra pessoa o que leu em uma revista. Já da escrita para a escrita, uma pessoa que escreve para outra o que leu na revista.

Essas possibilidades são práticas corriqueiras do nosso dia a dia que possibilitam aos usuários usufruir da linguagem oral e escrita em suas atividades comunicativas nos mais diversos gêneros.

No que diz respeito ao processo de retextualização da fala para a escrita, apresentados no quadro acima, parte da conjectura de que a retextualização não é o mesmo que transcrever

somente, porque nesse processo, a pessoa que realiza a transcrição de um texto oral para o escrito, deve escrever detalhadamente tal como foi apresentado o texto original falado, com repetições, ou seja, será feita apenas a passagem de um código para outro. No entanto, Marcuschi (2010) afirma que isso é relativo, porque transcrever já é um primeiro formato de retextualização. Por exemplo, quando fazemos a passagem do oral para o escrito, havendo a troca do sonoro para um grafema, já perde a estrutura original do texto.

Para o autor há uma diferença entre a transcodificação para a adaptação. No caso da transcodificação se trata de representar a passagem do som para escrita, que significa transcrever uma primeira transformação do texto. Enquanto que a adaptação já é uma preparação para o processo de retextualização, isso porque ela passa por um processo de elaboração que ocasiona perdas e acréscimos.

Destacamos no Quadro 2 que a língua falada e escrita, tem algumas semelhanças e diferenças. Para isso o teórico apresenta algumas variáveis que ocorrem entre as duas modalidades: fala e escrita.

Quadro 2 – Variáveis entre as duas modalidades, fala e escrita

- O propósito ou objetivo da retextualização;
- A relação entre o produtor do texto original e o transformador;
- A relação tipológica entre o gênero textual original e o gênero da retextualização;
- Os processos de formulação típicos de cada modalidade.

Fonte: Marcuschi (2010, p. 54).

Levando em conta essas quatro variáveis, podemos dizer que o processo de retextualização, na passagem da fala para escrita, são atividades conscientes, logo, em alguns momentos dessa transformação formas linguísticas são excluídas e outras inseridas ou reordenadas.

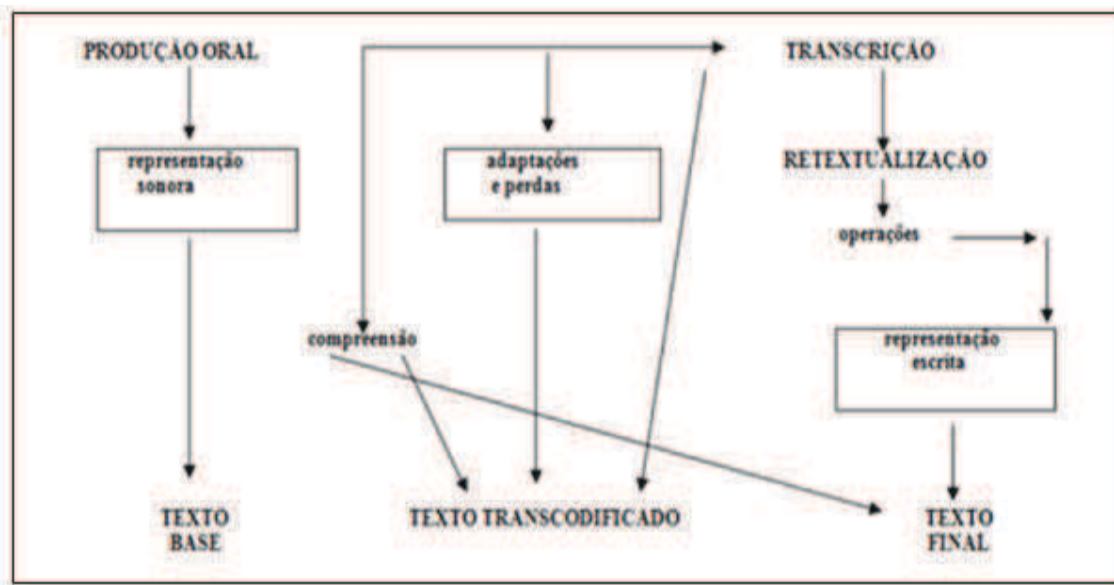
Durante a passagem do texto oral para o escrito, mesmo que o autor transformador do texto faça a escolha da mesma tipologia, a partir do momento em que o mesmo faz a passagem do sonoro para o grafema o texto em si já perde sua originalidade. Desse modo fica visível a necessidade de conhecer o texto base, para que assim possa transformá-lo.

Esse tipo de retextualização passa por um percurso de editoração, em que o texto sofre alterações que podem ser identificadas a partir do conhecimento que o leitor tem do texto

base. Durante este processo o produtor do texto deve estar atento ao sentido apresentado no texto original, levando em consideração as regras de eliminação, e essas, por sua vez devem ser aplicadas aos casos de oralidade que envolvam pausas, repetições, inserções e outras, durante o processo de adaptação para a escrita.

Para uma melhor compreensão desse processo de retextualização, podemos analisar o Diagrama 1, que expõe o fluxo das ações durante a produção do novo texto.

Diagrama 1 – Fluxo de ações

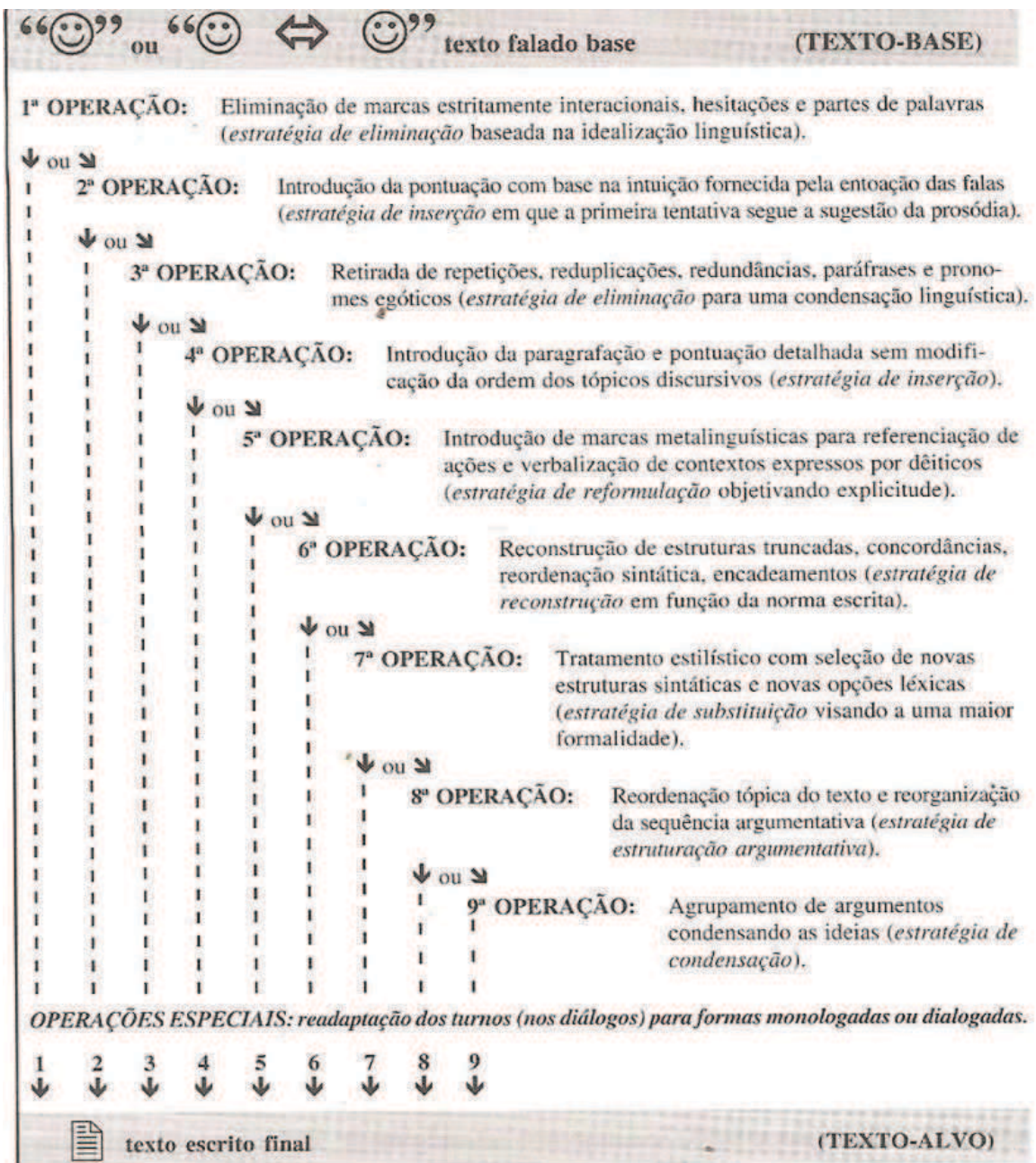


Fonte: Marcuschi (2010, p. 72).

Ainda com base em Marcuschi (2010) neste diagrama temos o desenho do percurso que o produtor terá, durante o processo de retextualização, que se inicia na produção oral, que é o texto base. Durante este percurso, para que o texto possa chegar a produção final, que é a reescrita, deverá passar por dois momentos, sendo o primeiro o da transcrição, que é o texto escrito, em que o mesmo passará por adaptações e perdas, tornando-se assim um texto transcodificado, ou seja, já é uma primeira editoração do texto. Em seguida teremos o processo de retextualização, nessa categoria o texto é transcrito novamente, de modo que o produtor do texto possa adaptá-lo a modos e/ou gêneros, sempre prevalecendo à compreensão, do texto base.

Marcuschi (2010) apresenta nove operações textuais- discursivas na passagem do texto oral (base), para o texto escrito (retextualizado). Vejamos o diagrama 2.

Diagrama 2 – Nove operações textuais-discursivas na passagem do texto oral (base), para o texto escrito (retextualizado).



Fonte: Marcuschi (2010, p.75).

Essas ações citadas no Diagrama 2, embora sejam bastante diversificadas, segundo o autor, elas conduzem a uma pequena idealização linguística. As mesmas trabalham em conjunto em que, cada uma tem sua função com o propósito de editar o texto a ser retextualizado, eliminar as hesitações, pontuá-lo, fazer introduções de parágrafos conforme a necessidade do texto, reconstruir a estrutura de acordo com o gênero trabalhado, e por fim reordenar as ideias do texto.

2.4 OS GÊNEROS TEXTUAIS COMO INSTRUMENTOS NORTEADORES EM SALA DE AULA

Nas palavras de Marcuschi (2008) constatamos que por meio da diversidade textual identificamos os inúmeros gêneros que circulam em nosso cotidiano. Os PCN (1997) trazem uma proposta de ensino baseada nos gêneros textuais/discursivos para incentivar o aluno a manter contato com a diversidade de textos. Essa nova abordagem vem sendo articulada no interior das práticas linguísticas, envolvendo leitura, escrita e produção de textos.

O texto e o discurso passam a ser proposto como um novo enfoque no ensino, pois todas as nossas atividades, seja cotidianas ou formais se realizam por meio de algum gênero, orais, escritos ou digitais. Para isso é importante considerar que nossos alunos já têm contato com diversos gêneros, no dia a dia, por isso é preciso saber aproveitar esse conhecimento, que vem com eles, para aprofundar as especificidades e intenções comunicativas de cada gênero. Sobre isso Bakhtin acrescenta:

O objeto do discurso do falante, seja esse objeto qual for, não se torna pela primeira vez objeto do discurso de um dado enunciado e um dado falante não é o primeiro a falar sobre ele. O objeto, por assim dizer, já está ressalvado, contestado, elucidado e avaliado de diferentes modos; nele se cruzam, convergem e divergem diferentes pontos de vista, visões de mundo, correntes. (BAKHTIN, 2003 [1952-1953/1979] apud ROJO, 2015, p. 17).

Dessa forma, todos os nossos enunciados se articulam em algum gênero, no entanto é preciso saber trabalhar com seus propósitos e referidas funções. Nesse sentido, os gêneros podem ser considerados articuladores de conteúdo que integram as práticas linguística, mas é importante frisar que a escolha de textos para realizar atividades de compreensão e produção precisam ser pensadas, levando em consideração os propósitos comunicativos, os interlocutores, o meio de circulação, o uso da linguagem, em diferentes contextos, e não em função apenas dos conteúdos gramaticais para que os textos não sirvam apenas como pretextos para se trabalhar aspectos da gramática.

É necessário o contato do aluno com a maior variedade possível de enunciados, é preciso realizar a abertura da aula à pluralidade dos discursos, propiciando o contato e o trabalho do aluno com textos variados, utilizados em situações de interação comunicativa.

Na visão de Marcuschi (2008) os gêneros textuais são considerados como elementos fundamentais para a socialização, ou seja, estão inseridos nas atividades discursivas dos

falantes, porque sempre que recorremos à alguma ação linguística de comunicação recorremos a um gênero.

Podemos dizer ainda que esses gêneros são dinâmicos e variáveis, portanto impossível identificar todos, devido a não se ter uma lista fechada deles. Eles são fenômenos históricos, profundamente vinculados à vida cultural e social, portanto são excessivamente usados, já que os mesmos são “plásticos e maleáveis”, ou seja, fáceis de serem moldados. Tendo em vista as novas tecnologias se expandirem, é perceptível uma explosão de novos gêneros, tanto na oralidade como na escrita. E cabe aos usuários identificarem os gêneros e suas tipologias textuais.

Nessa perspectiva, a real importância que os professores devem ter em relação aos gêneros textuais é explicar para os seus alunos como eles se constituem e circulam nas nossas atividades sociais. Nesse sentido os professores devem conhecer em profundidade os gêneros para poder assim utilizá-los como grande suporte e aliado para o ensino da língua materna. Nesse caso, o uso dos gêneros em sala de aula estimula o conhecimento prévio dos alunos como também sua interação e reconhecimento dos mesmos em seu cotidiano.

A partir deste ponto de vista, os professores de língua, devem a todo o momento trabalhar, apontar e identificar os gêneros para com seus alunos, os mesmos precisam ser conhecedores das funções dos gêneros textuais em suas produções de texto, e saber que para construir qualquer tipo de texto só será possível por meio deles.

Para o autor Marcuschi (2008), os gêneros agem como atividades discursivas e sua função é muito importante no nosso discurso, já que atuam no exercício de poder, tanto na inserção, ação, como no controle comunicativo do nosso cotidiano.

Há ainda quem se confunda entre os tipos textuais e os gêneros textuais. Os tipos textuais são contáveis, são sequências de natureza linguística, e portanto, identificados como: narração, argumentação, exposição, descrição e injunção. Ao contrário dos gêneros que são ilimitados, como por exemplo: telefonema, carta, bilhete, bula, receita culinária, cardápio, lista de compras e outros que estão presentes em nossas práticas diárias. Mesmo, com toda essa diferença entres os tipos e os gêneros textuais, ambos se relacionam na construção do texto.

Na visão de Koch (2004, p. 163):

Os gêneros devem ser vistos como arcabouços cognitivo- discursivos ou enquadres enunciativos determinados pelas necessidades temáticas das diversas práticas sociais, pelo conjunto dos participantes de tais práticas, de suas relações sociais e de seus propósitos criativos, as quais se distinguem, conforme Bakhtin,

além da forma composicional, pelo tipo e conteúdo temática e pelo estilo que lhes é próprio.

Sendo assim, a metodologia de ensino deve ser ativa e capaz de reconhecer as situações de aprendizagem, partindo da diversidade textual ao identificar os gêneros textuais como objeto de ensino. Dessa forma, toda a atividade do texto seja ela oral ou escrita é tida como construção, tanto para quem recebe como para quem escreve, pois esse processo está engajado no propósito de compreender e ser compreendido, ou seja, há uma necessidade de interação que envolve as diversas atividades humanas. Portanto, o processo de aprendizagem não precisa de métodos e sim da própria atividade do sujeito através da observação, da sua vivência com o meio, como também da sua ação individual e efetiva, como podemos ver a seguir nas palavras de Bazerman (2011, p. 23):

Os gêneros moldam os pensamentos que formamos e as comunicações através das quais interagimos. Gêneros são os lugares familiares para onde nos dirigimos para criar ações comunicativas inteligíveis uns com os outros e são os modelos que utilizamos para explorar o não-familiar.

Enfim, os gêneros possuem uma vasta área interdisciplinar que pode ser utilizada pelo falante assim que houver necessidade comunicativa. Por isso o trabalho em sala de aula deve ser voltado ao estímulo à produção e à compreensão progressiva de críticas dos gêneros, de práticas comunicativas e de sequências textuais específicas por parte do aluno, podendo conduzi-lo a um estágio de domínio de muitos gêneros e práticas, sejam eles orais ou escritos.

2.4.1 Gênero Cordel na perspectiva do nordeste brasileiro

Segundo Tavares (2006) o cordel nordestino originou-se a partir de diferentes formas de poesia popular impressa, que existiam na Europa, a partir do século XVII. Esse veio para o Brasil trazido pelos portugueses, durante a colonização e um grande número de cordelistas surgiu no Brasil, no século XIX.

Nesta perspectiva Diégues Junior (1986, p.31) afirma que:

Este tipo de poesia está relacionado ao romanceiro popular, a ele liga-se pois apresenta-se como romances em poesia, pelo tipo de narração que descreve. A presença da literatura popular no Nordeste tem raízes lusitanas; pois veio nos com o romanceiro peninsular, e possivelmente começam esses romances

a ser divulgados, entre nós, já no século XVI, ou, mais tardar, no XVII, trazidos pelos colonos em suas bagagens.

Para Diégues Junior (op. cit., p.31) o título de literatura de cordel veio de Portugal e a origem desse nome está relacionado a como os cordéis eram expostos para venda, este eram pendurados em um cordel ou barbante. Já o romanceiro veio para o Brasil, trazido pelos portugueses, no entanto a sua origem não era exclusivamente lusitana, pois havia chegado a Portugal por meio de várias fontes da península ibérica, o que é perceptível, já que foi divulgado inclusive nas partes de colonizadas pela Espanha.

De acordo com Evaristo (2011, p. 123–124), o gênero cordel é a modalidade mais utilizada no Brasil. Esse possui alguns traços como a sextilha (estrofe formada por seis versos, em que cada verso é constituído de sete sílabas poéticas). O esquema rítmico apresentado na sextilha é o seguinte: abcdbd. Além das sextilhas, são comuns as quadras (estrofes com quatro versos), as sextilhas (estrofes com sete versos) e os decassílabos (estrofes com dez versos), ele afirma ainda, que a folha volante é chamada de avulsa.

Segundo Evaristo (2011), a literatura de cordel possui características bem peculiares que marcam esse gênero. As suas histórias têm como ponto central uma problemática que deve ser resolvida com a inteligência e astúcia do personagem. Portanto, possui uma essência cultural muito forte, pois relata tradições culturais regionais e contribui bastante para a continuidade do folclore brasileiro. A sua linguagem é coloquial (informal), além de trazer o uso de humor, ironia e sarcasmo através de temas diversos como o folclore brasileiro, religiosos, profanos, políticos, episódios históricos, realidade social, etc.

Quanto aos textos são considerados romances, pois temos alguns recursos muito utilizados na narrativa, como: descrição de personagens, monólogos, súplicas, preces por parte do protagonista. Enquanto suas ilustrações são feitas por meio de xilogravuras e o preço, em geral, é bastante acessível, por isso atinge um grande público, incentivando assim a prática da leitura.

No gênero cordel temos a presença de um herói que sofre por não conseguir ficar com o seu amor. No entanto, no final da história, o herói sempre sai ganhando, e caso ele não consiga realmente o que queria, há outra forma de equilibrar a história e fazer com que ele seja favorecido de alguma forma. Um dos fatores relevantes é a presença de rimas, métrica e oralidade.

Quadro 3 – Composição do Gênero Cordel

Quadra	- uma estrofe de quatro versos.
Sextilha	- uma estrofe de seis versos.
Septilha	- uma estrofe de sete versos, essa é a mais rara.
Oitava	- uma estrofe de oito versos.
Quadrão	- os três primeiros versos rimam entre si, o quarto com o oitavo e o quinto, o sexto e o sétimo também entre si.
Décima	- uma estrofe de dez versos.
Martelo	- estrofes formadas por decassílabos (muito comuns em desafios e versos heroicos).

Fonte: <http://portaldoprofessor.mec.gov.br/fichaTecnicaAula.html?aula=50871> Acesso em:02.mar 2018

As histórias que são apresentadas no cordel tem origem em várias fontes: podem ser fruto da imaginação do poeta, ter origem no folclore, em clássicos da literatura etc. Hoje, o cordel é ilustrado com imagens provenientes do computador, mas tradicionalmente ele era ilustrado por meio da xilogravura, (significa gravura em madeira. É uma antiga técnica, de origem chinesa, em que o artesão utiliza um pedaço de madeira para entalhar um desenho, deixando em relevo a parte que pretende fazer a reprodução. A **xilogravura** era frequentemente utilizada para ilustração de textos de literatura de **cordel**.

No que se refere ao número de páginas escritas Luyten (1983, p. 41) afirma que os cordéis recebiam uma classificação de acordo com a quantidade de páginas que possuíam: os cordéis compostos por oito páginas eram chamados de folhetos, os cordéis que tinham 16 páginas eram chamados de romances e os cordéis que tinham 32 páginas ou mais, eram chamados de histórias.

Leandro Gomes de Barros é considerado um dos mais importantes poetas do cordel brasileiro, como pode ser visto na obra de Cascudo (2005, p. 347):

Leandro Gomes de Barros, 1868-1918. Nasceu e morreu na Paraíba, viajando pelo Nordeste. Viveu exclusivamente de escrever versos populares inventando desafios entre cantadores, arquitetando romances, narrando as aventuras de Antônio Silvino, comentando fatos, fazendo sátiras. Fecundo e sempre novo, original e espirituoso, é o responsável por 80 % da glória dos cantadores atuais. Publicou cerca de mil folhetos, tirando deles dez mil edições. Esse inesgotável manancial correu ininterrupto enquanto Leandro viveu. É ainda o mais lido de todos os escritores populares. Escreveu para sertanejos e matutos, cantadores, cangaceiros, almocreves, comboieiros,

feirantes e vaqueiros. É lido nas feiras, nas fazendas, sob as oiticicas nas horas do “rancho”, no oitão das casas pobres, soletrado com amor e admirado com fanatismo. Seus romances, histórias românticas em versos, são decorados pelos cantadores.

De acordo com Viana (2014, p. 20), Barros não se limitou a aproveitar temas e compor quadras, como corria no Nordeste, ele foi além: “versejou em diversas modalidades (sextilha, setilha e martelo), utilizando redondilha menor (versos de cinco sílabas), redondilha maior (sete sílabas) e o decassílabo”. Para o estudioso não há muitas informações sobre a infância e a formação escolar de Barros, entretanto, sabemos que sua família tinha certo nível de escolaridade e que, quando o pai de Barros morreu sua família ficou sob a tutela do padre Vicente Xavier de Farias. Barros foi criado em ambiente inspirador, o que, combinado com as leituras que fazia, contribuiu para sua vasta produção. Barros, nasceu em Pombal (Paraíba), em 1865, e viveu em Teixeira (Paraíba) e em Jaboatão (Pernambuco). Para o estudioso, Barros talvez foi o primeiro poeta a publicar histórias em folhetos no Brasil.

2.4.2 GÊNERO CONTO

O conto é conhecido desde os meados do século XV, e em 1575 foi publicado através do livro *Contos e Histórias de Proveitos e Eventos*, de autoria de Gonçalo Fernandes Trancoso. No entanto, a prática utilizada não era o conto em si, mas sim a prática da contação de história, utilizada na oralidade até hoje.

O gênero conto, propriamente dito, surgiu apenas em 1812, com os contos dos irmãos Jacob e Wilhelm Grimm. Daí então os gêneros foram aparecendo e proporcionando para os escritores, uma infinidade de textos, construídos com os mais variados gêneros.

Esse gênero caracteriza-se por ser uma narrativa curta com um número limitado de personagens. Não havendo uma análise muito aprofundada do seu conteúdo, é falado de maneira breve entre os interlocutores, sem grandes problemas de enredo, pois tem apenas um clímax, em que a história atinge o auge tão esperado pelos leitores.

Em alguns contos o tempo e o espaço são elementos secundários, podendo até não existir, no entanto este se preocupa mais com o conteúdo narrativo e com o estilo, o que seria considerado essencial para o seu conteúdo textual. Para um melhor entendimento, Fiorussi afirma:

Um conto é uma narrativa curta. Não faz rodeios: vai direto ao assunto. No conto tudo importa: cada palavra é uma pista. Em uma descrição, informações valiosas; cada adjetivo é insubstituível; cada vírgula, cada ponto, cada espaço – tudo está cheio de significado [...]. (FIORUSSI, 2003, p.103).

Para o autor, o conto é um texto riquíssimo em imaginação, informação, fantasias e outros, que possibilita aos leitores se apaixonar pelos textos que lêem. Nesta perspectiva, a leitura do conto é considerada prazerosa, muito lida pelas pessoas, já que neste gênero, são utilizadas características que se preocupam em chamar a atenção, ou seja, apresentar conteúdos, como por exemplo, memórias do passado, aventuras e outros que despertem em seus leitores o gosto pela leitura.

Para a construção do gênero conto, são necessárias algumas fases, entre essas, a apresentação, evolução, clímax e desfecho. Durante a produção do texto deve ser evitado o uso de repetições.

Para ficar mais claro, veremos a Tabela 1 abaixo, em que mostra a estrutura composicional do gênero conto. Nela apresentamos as características que servirão para a análise da retextualização dos alunos que será trabalhado nessa pesquisa.

Tabela 1 – Estrutura composicional do Gênero Conto

Enredo	Conflito	Clímax	Personagem	Tempo	Espaço	Desfecho
A história propriamente dita, na qual os fatos são organizados de acordo com os acontecimentos.	Envolve o leitor com a história.	Momento culminante da narrativa.	Os seres reais ou imaginários participantes da história.	O momento em que tudo acontece.	O lugar onde se passam os fatos.	Solução dos fatos apresentados.

Fonte: Sarmiento e Tufano (2004, p. 37).

O corpo do gênero conto preocupa-se em apresentar uma história fantástica, esperada pelo público alvo, sem preocupação em explicar as fantasias adicionadas à história. Esse foi um dos motivos pelo qual o gênero conto ganhou tanta repercussão, e fosse considerado de grande importância para se trabalhar em sala de aula, já que ele oferece ótimas condições para desenvolver a produção textual.

Apesar desse gênero ser de grande utilidade para o aperfeiçoamento da língua materna, ainda é de difícil conceituação. Segundo Cortazar (2006, p. 149) “[...] tão difícil definição, tão

esquivo nos seus múltiplos e antagônicos aspectos, e, em última análise, tão secreto e voltado pra si mesmo, caracol da linguagem.”

Fica claro que o gênero conto, durante o percorrer de sua composição textual, captura apenas o mais significativo, tornando-se assim relato de uma história breve, suficiente para encantar o leitor.

3. UMA PROPOSTA DE RETEXTUALIZAÇÃO NORTEADA PELAS PRÁTICAS DE LETRAMENTO: DO CORDEL PARA O CONTO

As várias discussões realizadas sobre o processo de leitura e práticas de produção textual, desenvolvidas nas escolas, visam principalmente como melhorar os métodos pedagógicos utilizados em sala de aula. Nesse contexto, percebemos que, na maioria das vezes essas atividades são trabalhadas de forma mecânica, através de práticas de ensino tradicionais que não estão preocupadas com o contexto social em que o aluno vive, realizando assim, atividades que não têm significado para ele.

Preocupados em encontrar soluções para esta problemática, aprofundamos um estudo sobre a retextualização da fala para a escrita, na perspectiva de Marcuschi (2008-2010), com a intenção de entender como funciona este processo na construção de novos textos, e poder assim, contribuir para com o trabalho docente. No que se refere às práticas de letramento, consideramos a contribuição de Kleiman (2006), ao defender a importância de trazer para a sala de aula os conhecimentos prévios dos alunos, como também sua cultura, valores, etc.

Nessa perspectiva, apresentamos aqui uma proposta pedagógica, como atividade de produção escrita, a ser desenvolvida com alunos do 6º Ano do Ensino Fundamental II, e que tem como objetivo melhorar as habilidades de escrita, assim como, desenvolver as competências linguísticas e compreensão textual do aluno, através de um processo de retextualização, tendo como texto-base o gênero cordel que será retextualizado para o gênero conto.

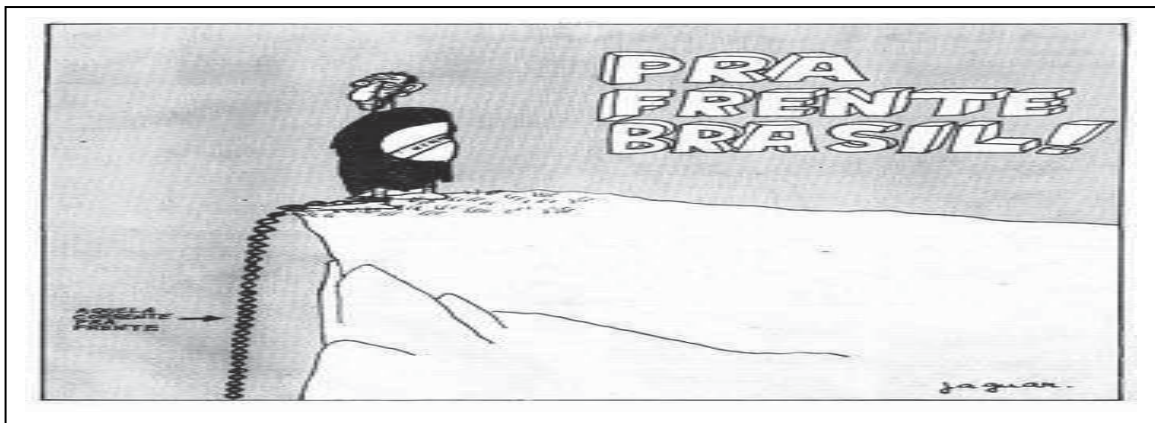
Queremos enfatizar que esta atividade será realizada no ponto de vista do letramento, que por sua vez envolve as práticas sociais do aluno ao construir o novo texto. Essa proposta está dividida em 5 momentos, com um total de 14 h/aula, as quais detalharemos como aplicar todo conhecimento e aprendizagem com os gêneros textuais orais e escrito no processo de retextualização.

A intenção é que essa atividade possa servir de apoio nas atividades realizadas em sala de aula, pois, através dela será possível desenvolver tanto a leitura como a compreensão textual do aluno, proporcionando possibilidades para que ele desenvolva suas habilidades ao construir um novo gênero a partir de um texto.

1º Momento: 2 h/aula

Nesse primeiro momento apresentaremos os gêneros textuais, presentes no nosso cotidiano e os diferentes tipos de textos que circulam na cidade, sejam eles oral ou escrito, mostrando que cada um deles apresentam características próprias. Como exemplo, mostraremos o gênero charge e o gênero fábula, e explicaremos a estrutura composicional deste gênero, destacando as diferenças encontradas nos demais tipos de gêneros.

.Figura 1 - Gênero Charge



Fonte: <[https:// www.todamateria.com.br/genere-textual-charge/](https://www.todamateria.com.br/genere-textual-charge/)>. Acesso em: 02 mar. 2018.

- ✓ Mostra a atualidade;
- ✓ É usada em uma notícia que retrata um fato social ou político de relevância;
- ✓ Origina-se na notícia jornalística;
- ✓ Reflete na imagem o posicionamento editorial do veículo;
- ✓ Pode ser chamada de texto visual e utiliza o humor ao mesmo tempo em que critica;
- ✓ Caso não venha acompanhada de uma notícia, pode não ser compreendida pelo leitor.

Figura 2 - Gênero Fábula



Fonte: <https://www.estudopratico.com.br/fabula/>. Acesso em: 02 marc. 2018.

- ✓ Narrativa alegórica em prosa ou verso;
- ✓ Apresentação dos aspectos, virtudes, qualidades e defeitos do caráter do homem, através do comportamento dos animais;
- ✓ Temática bastante variada como, por exemplo, a vitória da inteligência sobre a força, a derrota dos orgulhosos etc.;
- ✓ Por ser um gênero transmitido oralmente, existem várias versões de uma mesma história;
- ✓ Personagens tipo: As personagens da fábula são denominadas “personagens tipo”, pois representam o comportamento de um conjunto de pessoas e não de forma individualizada. Alguns exemplos são a cigarra (representa os irresponsáveis) e a formiga (representando o grupo dos trabalhadores);
- ✓ Apresentação de uma lição moral no final da história.

2º Momento: 4h/aula

Neste momento, abordaremos os conceitos e a estrutura do gênero cordel, considerado na modalidade oral e que será o nosso texto base. Este gênero tem atuação na sociedade em geral e, até mesmo nas escolas como processo de ensino, por se tratar de um texto envolvente e motivador que permite ser trabalhado tanto na modalidade escrita como na oralidade. Trabalhar aqui as características e estrutura do gênero cordel.

Apresentaremos o cordel escolhido como texto base, da autoria de Leandro Gomes de Barros, “PRINCESA DA PEDRA FINA”. Em seguida faremos uma interpretação aprofundada do texto.

De início, devemos exibir o texto por meio de cartazes e cópias, de modo que possa possibilitar aos alunos o conhecimento dos aspectos comunicativos do texto, alertando-os para a importância do sentido do texto original. Os alunos devem conhecer o texto base, no mais íntimo que puder, para que eles possam captar o que o autor quis dizer.

Figura 3 – Imagem de cordeis



https://pt.slidshare.net/Alvarenga-48/_genero-textual-cordel. Acesso em: 28.fev.2018.

A história da PRINCESA DA PEDRA FINA, autor: Leandro Gomes (Anexo B)

Para facilitar a compreensão do texto base, por parte dos discentes, elaboramos um questionário com os principais pontos a serem tratados na sala de aula.

Quadro 4 – Estudo do texto base

QUESTIONÁRIO
1- De que exatamente se trata a história?
2-Quais as expressões populares utilizadas?
3-Qual a região retratada neste texto?
4-Quais os costumes e tradições citadas?
5- O que vocês perceberam de diferente na linguagem?
6- O contexto apresentado no texto é verídico?
7- Qual é o gênero, aqui apresentado, e suas características?
8- Façam um léxico das palavras escritas na linguagem coloquial e passem para a norma padrão da Língua Portuguesa.

Fonte: Elaborado pelas autoras, 2018.

Agora que chegamos à compreensão desse texto-base, iremos junto com os alunos realizar a retextualização desse cordel em outro texto, que será um conto. Na próxima etapa apresentaremos a estrutura desse gênero.

3º Momento: 2h/aula

Para que os alunos compreendam como ocorrerá o processo de produção escrita do novo texto, apresentaremos a estrutura e o modelo desse novo gênero, o conto que se caracteriza como narrativa linear curta, linguagem direta, poucos personagens, presença de um enredo, narrador e clímax.

Devemos chamar a atenção dos alunos para o gênero a ser retextualizado, que é diferente do texto base. Nele a estrutura deve ser modificada, dependendo do gênero, ou seja, da necessidade comunicativa do usuário, mas o sentido original do texto base não pode ser mudado.

Para a realização deste processo, é importante que nós mediadores, conheçamos o texto em profundidade para acompanhar e captar o desenvolvimento cognitivo dos alunos.

No Apêndice A deste trabalho encontra-se o Texto: **PRINCESA DA PEDRA FINA (texto retextualizado)**.

4º Momento: 2 h/aula

Depois de termos explorado a estrutura do gênero conto, e mostrado como exemplo o conto, Princesa da Pedra fina, que conta retrata em forma de conto o que traz o texto-base, exporemos mais pesquisas feitas pela internet de outros modelos de conto para melhor ampliar os conhecimentos dos alunos. Em seguida, mostraremos como acontecerá o processo de retextualização, ou seja, como transformar o cordel em um novo texto escrito, o conto. Lembrando que, o cordel é um gênero oral e que as marcas da oralidade estão presentes no texto. É necessário relembrar as diferenças encontradas entre os dois gêneros, o cordel e o conto, para que assim possamos localizar as modificações nos textos, no processo de retextualização.

Os alunos irão trabalhar sobre as estratégias linguísticas, da interpretação e coerência que constituem o texto-base, para projetá-las no novo texto numa nova situação de comunicação. Nessa perspectiva, é de extrema importância para os discentes entenderem, que para realizar a retextualização, deverá ter o cuidado de preservar a temática que se encontra no texto original, mantendo o enredo principal. O que se pode acrescentar são os conhecimentos prévios que o aluno tem a respeito da temática tratada no texto, como também as informações que ele pode obter de leituras ou de outras pessoas, tendo o cuidado de não modificar o sentido do texto.

5º Momento: 4 h/aula

Para comprovarmos se os alunos compreenderam o processo de retextualização, apresentaremos à turma do 6º ano do Ensino Fundamental, uma proposta de retextualização, a ser realizado em dupla, possibilitando a eles uma maior interação com relação à troca de informações, o que enriquece a produção do texto final. O Texto base será escolhido pela dupla, desde que seja um cordel, e será retextualizado para um conto, assim como foi estudado em sala.

Em outra aula deve ser realizada a correção linguística da escrita dos textos, interpretativa e também do processo de retextualização, para que assim os alunos possam chegar ao texto final esperado.

Logo após realizar todas as correções necessárias das produções escritas dos textos (conto), os alunos deverão apresentar seus trabalhos a todos os colegas, e em seguida expor, em um mural na escola, para que outros alunos também tenham acesso às produções realizadas.

Esperamos que essa proposta possa contribuir para o trabalho docente em sala de aula, no que diz respeito, à compreensão dos gêneros textuais, orais e escritos e, principalmente na interpretação e produção textual a partir de um gênero base (cordel) que passará por um processo de retextualização (conto) na perspectiva do letramento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante a realização deste trabalho, pudemos constatar a importância do estudo voltado para a Linguística Textual, de modo que tanto a escrita como a oralidade, são consideradas de fundamental importância nas práticas comunicativas do dia a dia de seus usuários. Essa ciência investiga a constituição, o funcionamento, a produção e a compreensão do texto.

Pudemos constatar também que, a oralidade e a escrita se distinguem, no entanto uma não é mais importante que a outra, ao contrário, elas se complementam. Cada uma possui suas especificidades, que os usuários da língua necessitam para se comunicarem, ou seja, para produzirem textos. E é no texto que os gêneros textuais têm ganhado espaço, já que ambos estão ligados a partir da intencionalidade comunicativa do falante. Nesse sentido, necessitamos interagir na sociedade que estamos inseridos, e isto só é possível por meio dos gêneros textuais, utilizados em práticas diárias, mesmo se temos ou não a consciência disso. Portanto, o estudo do gênero textual não pode ficar fora da prática escolar, por isso a importância de encontrarmos novas práticas metodológicas para trabalhar com gênero em sala de aula.

Nessa perspectiva, este trabalho nos fez compreender a urgência de desenvolver atividades metodológicas que ajudem o nosso alunado em práticas de leitura e escrita, de forma contextualizada, contribuindo assim para um fazer pedagógico mais significativo para ele.

Percebemos que, algumas escolas, ainda seguem os métodos tradicionais e isso vem causando um bloqueio nos alunos que não conseguem desenvolver a interpretação e a produção de textos de forma adequada. Nesse contexto a Linguística Textual tem contribuído para um ensino aprendizagem que considera o texto como ferramenta fundamental, desconstruindo assim, um estudo pautado no estruturalismo, ainda preocupado com a codificação e decodificação, através de palavras e frases descontextualizadas.

Outro ponto importante, abordado nesse trabalho, foi a retextualização de gêneros textuais, atrelados às práticas de letramento, apresentada por Marcuschi (2010), ao reconhecer a sua importância para o desenvolvimento da produção textual. O autor considera esse processo fundamental para se trabalhar com a oralidade e a escrita, tendo por finalidade desenvolver a capacidade cognitiva do aluno em diálogo com suas práticas sociais, ampliando assim os seus conhecimentos prévios, experiências de vida, a sua cultura, valores, etc.

Como proposta de intervenção, escolhemos uma atividade de retextualização, norteadas pelas práticas de letramento do cordel para o conto, considerando a modalidade do oral para o escrito. O propósito foi de instruir os alunos para a construção de novos gêneros textuais a partir de um texto base, e também possibilitar aos mesmos, durante as suas produções, de realizarem correções linguísticas necessárias, mas também de trazerem as suas experiências para acrescerem o novo texto.

A atividade que apresentamos para ser trabalhada com alunos do 6º ano do Ensino Fundamental nos permitiu penetrar na essência do processo de retextualização, possibilitando-nos desenvolver uma prática metodológica que pode trazer resultados positivos para os alunos, com relação ao uso do gênero na oralidade, escrita e na produção de textos, formando assim sujeitos com habilidades comunicativas, de modo que venham a interagir na sociedade.

Enfim, vale ressaltar que os estudos aqui realizados foram de grande relevância para o nosso trabalho, como professor de língua portuguesa, no que diz respeito à ampliação das habilidades e competências de escrita, compreensão e interpretação de textos por meio dos gêneros textuais, além de colaborar com a nossa prática pedagógica no dia a dia em sala de aula.

REFERÊNCIAS

- ANTUNES, I. **Aulas de português: Encontro & interação**. São Paulo. Parábola Editorial, 2003.
- _____. Noções preliminares sobre o texto e suas propriedades. In: _____. **Análise de textos: fundamentos e práticas**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010. cap. 2, p. 29-44.
- BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: introdução aos parâmetros curriculares nacionais/ Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1997.
- BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais** – Terceiro e Quarto ciclos do Ensino Fundamental: Língua Portuguesa. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- BAZERMAN, C. **Gênero, agência e escrita**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2011.
- BARROS, L.G. **Princesa da pedra fina**. Campina Grande, 2012.
- CASCUDO, L. da C. **Vaqueiros e cantadores**. São Paulo: Global, 2005.
- CAVALCANTE, M.; MARCUSCHI, B. Formas de observação da oralidade e da escrita em gêneros diversos. In: Marcuschi, L. A. (Org.). **Fala e Escrita**. 1. ed., v. 1. Belo Horizonte: Autêntica, 2005. p. 123-143.
- CORTÁZAR, J. **Alguns aspectos do conto e do conto breve e seus arredores**. In: Valise de cronópio. Trad. ARRIGUCCI JÚNIOR, D.; BARBOSA, J. A. São Paulo: Perspectiva, 2006.
- DIÉGUES JUNIOR, M. et al. **Literatura popular em verso**: estudos. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1986.
- EVARISTO, M. C. O cordel em sala de aula. In: BRANDÃO, H. N. (Coord.). **Gêneros do discurso na escola**: mito, conto, cordel, discurso político, divulgação científica. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2011.
- FIORUSSI, A. In: MACHADO, A. de A. et al. **De conto em conto**. São Paulo: Ática, 2003.
- FREIRE, P. **A importância do ato de ler**: e, três artigos que se completam. 47 ed. São Paulo, contexto, 1998.
- TFOUNI, L. V. **Alfabetização e Letramento**. 2. ed. Cortez: São Paulo, 1997.
- KLEIMAN, A. B. **Leitura e prática social no desenvolvimento de competências no ensino médio**. São Paulo: Parábola editorial, 2006.
- KOCH, Igedore G. Villaça; ELIAS, Vanda Maria. **Ler e compreender: Os sentidos do Texto**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2010.
- KOCH, I. V. **O texto e a construção dos sentidos**. 10. ed. São Paulo: Contexto, 2013.

LUYTEN, J. M. **O Que é literatura popular**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: Dionísio, Â. P.; Machado, A. R.; Bezerra, M. A. (Org.). **Gêneros Textuais & Ensino**. Rio de Janeiro: Editora Lucena, 2002. p.19.

_____. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008

_____. **Da fala para a escrita: atividade de retextualização**. 10. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

MORTATTI, M. do R. L. Os sentidos da alfabetização. São Paulo : Editora Unesp, 2008

ROJO, R. H. R., BARBOSA, J. Hipernormatização, multiletramentos e gêneros discursivos, ed. 1, p. 152, São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

SOARES, M. **Letramento: um tema em três gêneros**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2001. p. 36.

TAVARES, B. **O flautista misterioso e os ratos de Hamelím**. São Paulo: Editora 34, (Coleção infante-juvenil).

VIANA, A. **Leandro Gomes de Barros: o mestre da literatura de cordel**. Mossoró: Queima Bucha, 2014.

<<http://portaldoprofessor.mec.gov.br/fichaTecnicaAula.html?aula=50871>> Acesso em:02 mar. 2018

<<https://www.todamateria.com.br/genero-textual-charge/>>. Acesso em: 02 mar. 2018.

<<https://www.estudopratico.com.br/fabula/>>. Acesso em: 02 mar. 2018.

<https://pt.slidshare.net/Alvarenga-48/_genero-textual-cordel>. Acesso em:28.fev.2018.

APÊNDICE A – Retextualização do Cordel PRINCESA DA PEDRA FINA

PRINCESA DA PEDRA FINA (texto retextualizado)

Há muito tempo, existia um reino conhecido por Reino da Pedra Fina. Nesse reino havia uma linda princesa encantada. O povo falava muito a respeito da princesa. Neste reino havia também, um pobre agricultor que trabalhava no roçado, com seus três filhos: Artur, Rafael e Rofino, que era o mais novo. Certo dia eles estavam trabalhando e enquanto o agricultor descansava, os três filhos que estavam trabalhando, começaram a brincar. Artur disse: gostaria de comer feijão misturado com bredo carne assada. Rafael disse que preferia comer banana com casca. Ao ser insultado pelos irmãos, Rofino disse que preferia mesmo era ver as pernas das moças do Reino da Pedra Fina.

O pai dos meninos ouviu o que Rofino havia falado e repreendendo-lhe, deu-lhe umas lapadas, para servir de lição, pois temia que com o desrespeito do filho, toda a sua família acabasse sendo presa por ordem do rei, e que o rei mandasse matar Rofino. A esposa do agricultor, quando veio trazer a comida, para os trabalhadores, soube que Rofino tinha apanhado e o levou para casa, mas, Rofino não conseguia esquecer o castigo que seu pai lhe deu, resolveu então sair andando pelo mundo.

Depois de um mês que vagava pelo mundo, ele chegou à beira de um rio e ao atravessar o rio, sentiu muito medo, pois, ouvia urros de feras no pé de um monte, que havia ali próximo. Após atravessar o rio, resolveu beber um pouco de água, usando seu chapéu como recipiente: o encheu com água do rio e eis que dentro dele, veio uma pedra que lhe causou admiração, era um brilhante encantado.

Embora não conhecesse o valor da pedra, Rofino a colocou no bolso e seguiu viagem, chegando a um grande reinado, onde resolveu tentar vender a pedra, para adquirir algum dinheiro. Um lojista a examinou e lhe falou que ninguém teria dinheiro suficiente para pagar, pois a pedra era um brilhante tão valioso que apenas o rei poderia pagar por ela. Rofino foi oferecer a pedra ao rei, que a comprou por um milhão, e ainda deu-lhe um palácio e o posto de capitão. Rofino passou a ser considerado um nobre estrangeiro.

Neste reinado, vivia um barbeiro que era muito intrometido, este era o conselheiro do rei. Como o rei mandou colocar a pedra em sua coroa, o barbeiro quando viu disse que só ficaria bem se tivesse outra pedra para botar do outro lado e sugeriu que o moço que a vendeu

poderia encontrar outra. Então o rei mandou chamar Rofino e lhe disse: se você não conseguir outra pedra igual a essa que me vendeu, mandarei matar-te.

Rofino foi para o mesmo lugar onde havia achado a primeira pedra, mas embora já estivesse cansado de procurar, não conseguia encontrar outra, e já estava sentindo medo de não escapar da morte. Então começou a ouvir uns estrondos, viu um fogo ali, bem perto, de repente o fogo se transformou em um leão, que estava brigando com uma serpente.

O leão pediu, por caridade, que Rofino matasse a serpente e prometeu que em troca lhe daria a felicidade. Já a serpente lhe falou: matas o leão que dou-te o que procuras e depois te farei feliz, porque sou uma virgem pura. Então ele matou o leão com um tiro certo e no mesmo instante a serpente, transformou-se em uma linda moça, que era a princesa do Reino da Pedra Fina.

Em seguida a princesa mandou que Rofino lhe cortasse um dedo, afirmando que o seu sangue daria o que ele procurava. Ele se recusou a obedecer, mas como ela insistiu muito ele acabou obedecendo. Do sangue que jorrou do dedo da princesa saíram três pedras iguais à primeira. Em seguida, eles foram para casa e Rofino estava tão encantado com a beleza da princesa, que esqueceu o mandado do rei. Depois de alguns dias a princesa alertou Rofino, para que ele cumprisse com a ordem do rei, e ele foi até o palácio deixar a pedra que o rei esperava. O rei ficou muito satisfeito, pagando muito bem Rofino, além de lhe dar o título de general. Por ter grande consideração a Rofino, o rei mandou que seu próprio barbeiro fosse até a casa dele, fazer sua barba.

Quando chegou ao palácio de Rofino, o barbeiro viu a bela princesa. Após fazer seu trabalho retornou ao castelo do rei, disse ao rei que tinha visto uma bonita moça e aconselhou o rei a ir até o castelo de Rofino para vê-la. O rei mandou que um criado preparasse um carro e saiu para passear em frente do palácio de Rofino. Ao ver a princesa debruçada na janela, o rei ficou tão encantado que desmaiou.

O rei estava triste, porque queria conquistar a princesa, foi então que o barbeiro aconselhou que o rei inventasse que sua esposa estava grávida, e que mandasse Rofino ir ao Reino das Laranjas de Babel, buscar uma laranja que ela desejava comer. Então o rei mandou o barbeiro ir chamar Rofino e quando ele chegou, lhe falou: quero que você vá buscar uma laranja mimosa, no Reino das Laranjeiras, retorne daqui a dez dias. Se não fizer o que estou mandando mandarei te degolar.

Rofino chegou em casa chorando, a princesa lhe perguntou o que tinha acontecido. Ele contou tudo o que tinha se passado e disse que não sabia o que fazer para chegar ao tal Reino das Laranjeiras. A princesa pediu que ele se acalmasse e disse que ia arranjar um cavalo

para que ele pudesse viajar bem depressa. A princesa disse: por volta de três horas da tarde você irá receber um cavalo, que lhe será vendido por um moleque.

Na hora marcada pela princesa, Rofino comprou na feira um cavalo gordo e selado, que um moleque oferecia para venda. Em seguida, a princesa chamou Rofino e lhe recomendou: daqui ao Reino das Laranjeiras, são mil léguas, mas chegarás dentro de uma hora, não precisa açoiar o cavalo. Quando chegar lá, a porta estará fechada, esconda-se, que quando bater meia noite o portão se abrirá, você deve entrar em silêncio. Lá dentro tem muitas feras avançando sobre as laranjas, mas não se importe com elas e ao entrar chame: oh! Laranja tangerina venha comigo até o Reino da Pedra Fina.

Rofino fez como a princesa havia aconselhado e a laranja veio. Então ele correu com a laranja fugindo dos bichos que a queriam voltando rapidamente para sua casa. Ao chegar, entregou a laranja para a princesa, ela a partiu e de dentro da laranja saiu uma moça muito linda. A princesa explicou que era sua irmã que havia sido levada por um leão, em seguida juntou as bandas da laranja, que ficou novamente sã. Quando chegou o dia marcado, Rofino levou a laranja para o rei que ficou muito satisfeito.

Rofino voltou para casa na companhia do barbeiro e este ao chegar ao palácio de Rofino, viu que havia outra moça, ainda mais linda que a princesa. Ao voltar para o palácio real o barbeiro disse ao rei que havia outra moça, e para o rei ficar com as duas, deveria se livrar de Rofino, mandando que ele fosse ao Reino das Limeiras de Tupã, buscar uma lima, disse o barbeiro: de lá ele não voltará, porque no Reinado das Limeiras é muito perigoso.

O rei mandou chamar Rofino e fez como o barbeiro havia aconselhado. Rofino voltou triste para casa. Quando a princesa ficou sabendo que ele deveria ir ao reino das limeiras, explicou tudo que ele deveria fazer para cumprir esta difícil missão. Ao chegar ao seu destino ele esperou até a porta se abrir e ao entrar viu muitas feras, viu que havia um leão dormindo embaixo da limeira.

Rofino chamou a lima, que veio ao seu encontro, então ele segurou-a, se livrou das feras que o atacavam e voltou depressa para casa. Ao chegar, entregou a lima para a princesa, que a partiu, e de dentro da lima saiu uma moça jovem, ainda mais formosa, era sua irmã caçula. Em seguida a princesa fechou a lima e Rofino a levou ao rei, que lhe deu muito dinheiro e mandou que o barbeiro lhe acompanhasse para cortar seus cabelos.

O barbeiro voltou, muito exaltado porque tinha visto que havia outra moça, ainda mais linda na casa de Rofino e sugeriu que para ter as três moças, o rei deveria mandar Rofino ir ao inferno, para trazer notícias do avô do rei. E aconselhou que o rei mandasse fazer um alçapão,

dizendo que era a porta para o caminho do inferno, que esse caminho seguiria por debaixo do chão e disse: Quando ele entrar feche a porta e ele morrerá preso lá dentro do alçapão.

O rei mandou chamar Rofino e disse: quero que vá ao inferno, levar um ofício ao meu avô e me trazer notícias de lá. Rofino voltou pra casa em prantos e a princesa explicou o que ele deveria fazer dizendo-lhe: leve as duas pedras escondidas na mão, exiba elas de súbito, que o brilho delas deixará a todos encadeados e volte para casa sem ser visto.

Então Rofino pegou o ofício, fez sinal que ia partir, exibiu rapidamente as pedras, pulou dentro do fojo, em seguida saiu de dentro com muita rapidez voltando correndo para casa, sem que ninguém percebesse. Todos pensaram que ele nunca mais voltaria, pois viram até labaredas de fogo, que surgiram das pedras encantadas. Quando chegou em casa, ficou escondido durante um ano. Sua roupa foi desprezada em um fumeiro, todos os dias a princesa queimava enxofre, para que o cheiro ficasse impregnado na roupa. Rofino deixou o cabelo a barba e as unhas crescerem. Durante o tempo que ele esteve escondido, o rei e o barbeiro saíam para visitar as moças, mas nunca foram convidados para entrar. A princesa os via da janela, mas nem mesmo os cumprimentava e assim se passou o ano.

Então a princesa pensou num jeito de fazer o barbeiro passar pela mesma situação que Rofino tinha passado. E se passando por o avô do rei, escreveu um ofício com letras gregas e mal feitas, dizendo: agora que sou guerreiro vivo muito bem. E peço que me envie o barbeiro para cortar meu cabelo, porque aqui no inferno não tem nenhum barbeiro.

Então Rofino vestiu a roupa que estava com forte cheiro de enxofre, pegou sua espada completamente enferrujada, e levou a carta para o rei, que nem lhe reconheceu, ao vê-lo no estado em que estava. Rofino disse: sou o general que levou uma carta para seu avô, voltei do inferno e lhe trago uma resposta. Quando o rei leu a correspondência, viu que seu avô solicitava a presença do barbeiro, o mandou chamar e ordenou que ele partisse no dia seguinte para o inferno.

O barbeiro não teve escolha, quando o alçapão se abriu, ele com sua tesoura e sua navalha caiu no abismo e morreu no mesmo instante. O rei morreu dias depois. O general Rofino mandou buscar seus pais e seus irmãos. Seus dois irmãos se casaram com as irmãs da princesa e todos de sua família viveram felizes por muitos e muitos anos. (fonte: Aldeci Gomes Quaresma).

APÊNDICE B – História da PRINCESA DA PEDRA FINA (Leandro Gomes)

01- No REINO DA PEDRA FINA

habitava uma princesa misteriosa, encantada, por obra da natureza, ela e mais duas irmãs que eram a flor da beleza.

02- Naquela linda princesa só era em que se falava: Nesse lugar também tinha um pobre que trabalhava com três filhos num roçado e disse se sustentava.

03- O nome desses três filhos: João, Antônio, José, José era o caçula (pequeno como um bebe) por sua mãe adora-lo nunca deu-lhe um cafuné.

04- Disse o marido a esposa: - Vou trabalhar no roçado os meninos também vão para ajudar-me do lado você cá mate um franguinho apronte e leve guisado.

05- Estando o velho cansado com os três a trabalhar às duas horas de tarde resolveu: Vou descansar, vocês tenham paciência, mamãe não tarde chegar.

06- Antônio brincava alegre fazendo risco no chão e disse, estou desejando um pratarraz de feijão com carne de charque e breço que é bem melhor do que pão.

07- João responde, por mim, o meu desejo é comer muita banana com casca até a barriga encher e perguntaram, José, dá também teu parecer.

08- De modo misterioso respondeu o caçulinha: - O que tenho em pensamento nenhum dos dois adivinha. – Então será um segredo ou do rei ou da rainha?

09- José respondeu: Eu digo porque não me incrimina, não é pra mim nem vocês é pra quem Deus determina eu queria ver as pernas das moças de PEDRA FINA.

10- Oh! Menininho atrevido! Resmungou o pai, deitado, e, levantando-se ralhando, que molecote safado desrespeitando as princesas? Queres morrer enforcado?

11- Levantou-se muito irado gritando assim desse jeito: - você ainda acha isso pouco os males que tem me feito? Assim todos nós iremos sofrer por seu desrespeito.

12- Ai deu umas palmadas no seu caçula Zezinho nisso foi chegando a velha que já vinha no caminho; - Meu velho, porque fez isso? Porque bateu no “bichinho?”.

13- Porque foi muito atrevida minha mulher Umbelina, ele atreveu-se falar da gente que nos domina ao desejar ver as pernas das moças da PEDRA FINA.

- 14- Se elas soubessem disso madariam-nos chamar pra meter-nos na prisão e quem sabe, até matar! Eu só dei-lhe umas palmadas pra como exemplo ficar.
- 15- A velha ficou zangada e reclamou a chorar: - Filho meu, vamos pra casa pra seu pai não lhe surrar; inda a princesa sabendo não há de lhe castigar.
- 16- Mas José não esqueceu do que o pai tinha feito ao acusar que a família sofria por seu respeito, saiu vagando no mundo o qual por Deus foi aceito.
- 17- Esse inocente menino saiu, só levou pão, mesmo sem grana no bolso do pai só quis o perdão e da mão bondosa e doce só mesmo a santa “benção”.
- 18- A mãe partida de pena abençoou o menino vendo o filho tão pequeno sair como um peregrino e implorou a Deus que velasse por seu destino.
- 19- O rapazinho era novo porém muito destemido, já fazia mais de ano que ele havia saído, chegou à beira de um rio medonho e desconhecido.
- 20- Ficou com bastante medo no atravessar o rio ao ouvir urros de feras no pé dum monte sombrio porém tinha pouca água por ser no tempo de estio.
- 21- Ele atravessou o rio e quando em terra pisou sentiu que estava com sede água no chapéu tirou, no chapéu veio uma pedra que muito lhe admirou.
- 22- Era um brilhante encantado mas ele não conhecia o julgando sem valor pouca importância teria depois guardou no bolso e pensou no que faria.
- 23- Saiu por ali afora quando foi no outro dia entrou num belo reinado que ele não conhecia, sem ter um tostão no bolso tomou uma hospedaria.
- 24- O rapaz liso e com fome não tendo a quem recorrer tirou a pedra do bolso começou oferecer, dizendo: Quem quer comprar? Eu a tenho pra vender.
- 25- José sem porta a bater e sem jeito de escapar mostrou a pedra a um lojista perguntando: Quanto dar? Disse o moço: É um brilhante e eu não posso comprar.
- 26- Nas terras deste reinado falou pra ele o caixeiro o senhor vá procurar a até pelo estrangeiro para comprar esta pedra bem poucos terão dinheiro.
- 27- O lojista disse ainda: esta joia é um primos, só quem a pode comprar é o nosso imperador só ele terá dinheiro com que pague sei valor.
- 28- O rapaz saiu pra rua com a tal pedra na mão, assim que o rei viu a pedra ficou com tanta ambição,

- mandou chamar o rapaz comprou-a por um milhão.
- 29- Deu-lhe mais um palacete e o posto de capitão, pelo seu merecimento todos lhe davam atenção, era um estrangeiro nobre filho de outra nação.
- 30- Na corte tinha um barbeiro que no reinado vivia também era conselheiro em tudo se intrometia, disse logo a todo mundo que a pedra o rei possuía.
- 31- O rei mandou colocar a pedra em sua coroa como ela era um brilhando duma espécie muito boa serviria de ornamento pra sua nobre pessoa.
- 32- O barbeiro quando viu disse muito admirado: Isto só ficava bom tendo outra década lado, tendo mais uma na frente fica o rei mais respeitado.
- 33- O rei perguntou então – aonde eu vou encontrar? Outra pedra como esta é asneira procurar. – O moço que vendeu esta é quem lhe pode arranjar.
- 34- Se o senhor mandar chamá-lo ele não dirá que tem, o ameasse de morte veja se ele não vem, outra ele não pode ter só meu rei e mais ninguém.
- 35- O rei achando correto mandou logo procurar dali saiu o barbeiro vê se podia encontrar, quando encontrou foi dizendo – senhor rei mandou chamar.
- 36- Veio o moço e o barbeiro para a presença do rei que lhe falou mesmo assim: - sabe pra que lhe chamei? Porque preciso outra pedra igual a que lhe comprei.
- 37- Disse o rapaz, meu senhor, outra não posso arrumar, ainda tendo o dinheiro não tem aonde comprar eu achei esta no rio mas foi sorte encontrar.
- 38- O senhor vá ver a pedra chegue-me aqui qualquer dia peça o que quiser por ela não negarei a quantia, porém, voltando sem ela, morrerá no mesmo dia.
- 39- José saiu muito triste pensando de que maneira poderia se livrar dessa encrenca traiçoeira foi sair no mesmo rio ainda achou a primeira.
- 40- Foi pelo mesmo lugar por onde tinha passado seguiu pelo rio a dentro procurando com cuidado outra pedra que igualasse a que ficou no reinado.
- 41- Ele já estava cansado de por ali procurar, bebeu água sem ter sede e nada da pedra achar desenganado da vida pegou sozinho a falar.
- 42- Dizia consigo mesmo: - Eu sei que hei de morrer, essa pedra que procuro é impossível obter me acabo aqui afogado não dou gosto ao rei me ver.
- 43- Então começou ouvir uma coisa que estrondava e chegando ao pé da serra inda mais se intimidava de repente viu um fogo que perto dele brilhava,

- 44- Nesse instante aquele fogo transformar-se num leão enfrentando uma serpente rugia mais que um trovão, saía fogo dos dentes de faiscar pelo chão.
- 45- José nem pôde falar vendo aquela “tempestade” o leão gritou pra ele pedindo por caridade: - moço, mate esta serpente que dou-te a felicidade.
- 46- A cobra também falou dizendo assim: Criatura, mata o leão que te dou a que andas a procura depois te farei feliz que sou uma virgem pura.
- 47- Ele atirou no leão aquela fera valente que ao receber a bala morreu instantaneamente, morto que fosse o leão desencantou-se a serpente.
- 48- Era u’a moça encantada uma excelente menina a origem do encanto foi para cumprir a sina, era essa a tal PRINCESA DO REINO DA PEDRA FINA.
- 49- Ele na hora abismou-se por sua imensa beleza, perguntou-lhe: quem sois vós? Disse ela: Sou a PRINCESA DO REINO DA PEDRA FINA que venho em tua defesa.
- 50- Dali saiu a princesa com José acompanhado desceram de ria abaixo ambos jutos conversando no lugar que procurava ela parou lhe fitando.
- 51- Se teu ferro está cortando anda cá vem me ferir corta esta meu dedo ao meio isso ele não quis ouvir, disse ela: corte logo! Meu sangue vai te servir.
- 52- José sem querer cortar julgando ser uma asneira, mas ou lhe cortar o dedo, corria sangue em biqueira saíram dele três pedras do formato da primeira.
- 53- Disse a moça: está aí o que você procurava estivesse aqui há pouco procurando e não achava porque eu estava brigando quase o leão me matava.
- 54- Dali foram para casa que o rei tinha lhe dado ele em companhia dela porém muito embriagado pela sua formosura esqueceu-se do mandado.
- 55- Passados mais alguns dias a princesa lhe falava: - José vai levar as pedra, lembra que o rei esperava? José respondeu a ela, eu disse nem me lembrava.
- 56- Ele aí pegou as pedras foi levar ao Rei Senhor que gratificou a ele com dois tantos de valor e lhe deu mais presente um título superior.
- 57- O rei disse assim a ele quando encontrou-lhe o dinheiro:- Como eu te considero inda mais que um conselheiro vou mandar fazer-te a barba pelo meu próprio barbeiro.
- 58- No palácio de José quando o barbeiro chegou entrou respeitosamente, disse, quando o saudou: - Vim fazer a vossa barba que o monarca mandou.

- 59- Tirou a barba do moço quando a princesa sorria o barbeiro admirou-se com a formosura que viu, assim que findou a barba no mesmo instante saiu.
- 60- Quando chegou ao palácio foi dizendo ao rei senhor: - Agora vi u'a moça mais linda que uma flor na casa do coronel pra mim tem todo valor.
- 61- Senhor meu rei, se apronte, não perca esta ocasião vá lá ou palácio dele e preste bem atenção pois a moça que vi lá faz render um coração.
- 62- O rei mandou vir um carro e murmurou: Como é, você me diz essas coisas mas não boto muita fé; A tarde foi passear onde morava José.
- 63- Passando em frente a mansão, avistou logo a princesa debruçada na janela em trajes de camponesa o rei ficou transtornado ao ver a sua beleza.
- 64- Socorreram o rei às pressas pensando que ele morria deram-lhe água com mel porém ele não bebia, levaram de volta a corte foi tornar no outro dia.
- 65- No outro dia o barbeiro foi ao rei aconselhar, dizendo: Não desamine que tenho um jeitinho a dar tenha mais perseverança que as coisas vão melhorar.
- 66- Disse o barbeiro ao rei – o moço é coronel, talvez com essa invenção nas caia a sopa no mel mande ele no reinado das LARANJAS DE BABEL.
- 67- Diga que a sua esposa desejou muito comer umas laranjas de lá para o filho não perder, está grávida a quatro meses vive em tempo de morrer.
- 68- O rei tomou o conselho mandou-o logo chamar por esse mesmo barbeiro que a sugestão foi lhe dar: - diga a José que apareça que o rei que lhe falar.
- 69- Uma laranja mimosa quero que vá me buscar no REINO DAS LARANJEIRAS para em dez dias chegar se não fizer como digo eu o mando degolar.
- 70- E José banhado em pranto chorando em casa chegou a princesa comovida apressada perguntou: - Q que foi José? – Foi o rei que me enrascou.
- 71- O rei me disse que fosse umas laranjas buscar no REINO DAS LARANJEIRAS, como é que posso aceitar, se não chegar em dez dias ele me manda matar.
- 72- Não tenhas medo, José, descansa para o jantar pois enquanto eu existir algum “remédio” hei de dar vou te arranjar um cavalo que tu possas viajar.
- 73- Orientou o rapaz como devia fazer, dizendo: Pelas três horas você irá receber de um moleque, um cavalo, que te vem oferecer.
- 74- Ele compreendeu tudo foi para o ponto esperar com pouco viu um moleque com um cavalo a trotar

- muito gordo e bem selado desses bom de cavalgar.
- 75- Dizendo: Quem quer comprar por cinco contos de réis? Um cavalo gordo e forte calçado das mãos aos pés? José falou: Compro eu, tu pedes cinco, dou dez.
- 76- Ele pagou ao menino aquela grande quantia porém todo privilégio o cavalo possuía e mesmo estava arreado da forma que ele queria.
- 77- A princesinha o chamou tornou a recomendar: - Daqui lá só são mil léguas numa hora há de chegar porém este seu cavalo não é preciso açoiar.
- 78- Basta que de hora em hora você dê-lhe uma lapada, corra, siga a toda pressa, não te importes com nada, porém quando chegar lá a porta estará fechada.
- 79- Fica ali bem escondido pra ninguém te pressentir quando bater meio dia o portão há de se abrir entra sem fazer barulho para ninguém te ouvir.
- 80- Dentro tem camelo e urso, lobo e elefante urrando, cobra venenosa e onça, leoa e leão rosnando, pantera e porco do mato as laranjas vigiando.
- 81- Não te incomodes com nada porque assim determina quando entrares vai chamando; Oh! LARANJA TANGERINA! Acompanha-me ao castelo do REINO DA PEDRA FINA.
- 82- José chamou a laranja ela veio ele levou-a fez como a princesa disse não deu passadas atoa, montando no seu cavalo correndo como quem voa.
- 83- José dizendo palavras todo bicho se mordida pra defender a laranja um tomava ou queria, José arribou com ela logo acabou-se a porfia.
- 84- Correu levando a laranja com bicho atrás pra tomar numa grande violência viu-se o portão se fechar, nem a cauda do cavalo eles poderam pegar.
- 85- Nem é preciso dizer quanto o cavalo corria nem mesmo ave de rapina a favor da ventania, basta dizer que tirava mas de mil léguas por dia.
- 86- José que vinha contente com a laranja na mão, entregou ela a princesa ela prestou atenção, disse: José veja bem! Se a laranja é essa ou não.
- 87- Disse ela: Vou te mostrar o poder da natureza, pegou, partiu a laranja, em cima da u'a mesa, saiu de dentro u'a moça mais linda que a princesa.
- 88- Disse a princesa a José – esta é minha irmã que o leão carregou um dia pela manhã e depois juntou as bandas a laranja ficou sã.
- 89- Chamava-se ela Romana, o corpo um tanto delgado, olhos pretos, muito vivos, nariz bastante

- afilado, dentes alvos, boca linda, rosto bem feito e corado.
- 90- Aí ficaram falando de tudo que se passou que o rei queria laranja como de fato chegou, José foi levar no dia que o prazo terminou.
- 91- O rei ficou satisfeito e lhe deu muito dinheiro deu-lhe mais uma medalha com honra de bom guerreiro e o indicou também para ser seu conselheiro.
- 92- José foi com o barbeiro este voltou na carreira dizendo ao rei: Vi agora outra moça verdadeira lá na casa de José mais bonita que a primeira.
- 93- Disse o barbeiro ao rei: - Todas duas são donzelas eu nunca vi neste mundo duas figuras tão belas e não vai ser tão difícil o senhor se apossar delas.
- 94- Basta somente o senhor resolver e ordenar a José ir ao reinado das LIMEIRAS DE TUPAR, ele indo essa viagem não vai conseguir voltar.
- 95- José seguiu para a corte fingindo ter paciência para atender ao chamado que vinha com muita urgência. Cumprimentou os vassallos com cortesia e decência.
- 96- Disse o monarca José esta vez é a primeira pra me buscar uma lima no REINO DA LIMEIRA já que tivesse coragem de voltar da LARANJEIRA.
- 97- Disse a princesa: José eu hei de te proteger preste-me bem atenção escuta o que vou dizer; Ensinou tudo a José como devia fazer.
- 98- Saiu ele a toda pressa correndo por uma estrada saiu de casa bem cedo foi chegar de madrugada achou o portão fechado e esperou a entrada.
- 99- Chegando ouviu um sussurro de muito bicho que havia ele morrendo de medo porém não se remexia até o próprio cavalo de medo também tremia.
- 100- Quando badalou seis horas o portão foi se abrindo ele adentrou e foi vendo feras de dente ringindo, debaixo da tal LIMEIRA estava um leão dormindo.
- 101- Ele entrou e foi chamando pela LIMA CAMPONESA: - eu venho aqui te buscar e pedir a gentileza que, por favor, não me falte, ao chamado da princesa.
- 102- José agarrado a LIMA com u'a mão segurou, as feras partiram em cima porém José se livrou quando ia chegando perto o grande portão fechou.
- 103- Como ele correu com medo não queria ter demora chegando entregou a LIMA não mão da sua senhora, ela disse, eu quero ver, o que vão pedir agora.
- 104- No palácio tinha uma do REINO DAS LARANJEIRAS depois chegou a caçula do REINADO DAS LIMEIRAS a caçula era mais linda do que as duas primeiras.

- 105- A lima ficou partida ela com jeito fechou-a não tinha nenhum defeito ela a José entregou-a depois de prazo vencido foi quando José levou-a.
- 106- O rei recebeu a lima foi tratando de pagar deu tanto dinheiro a ele que não tinha onde guardar, o barbeiro foi com ele pra seu cabelo cortar.
- 107- Chegou junto com José o barbeiro conhecido quando viu as três pequenas foi correndo espavorido contar ao rei novamente o que tinha acontecido.
- 108- Disse ele: Rei meu senhor eu lhe digo com franqueza fui à casa de José e lá vi outra princesa que aquela só sendo feita pela mão da natureza.
- 109- Pra meu rei ter sua posse outro conselho lhe dou: mande José ou inferno dizendo que precisou de saber notícia certa do finado seu avô.
- 110- Mas o senhor mande logo fazer um grande alçapão diga a José que o caminho vai por debaixo do chão quando entrar feche que ele morrerá sem remissão.
- 111- Mandaram chamar José ele depressa chegou. - Quero que vá ao inferno o monarca lhe ordenou para levar um ofício ao finado meu avô.
- 112- Traga-me notícia dele e volte para me dizer isto que estou ordenando é abrigado a fazer José voltou soluçando na certeza de morrer.
- 113- A princesa disse a ele – O rei faça o que quiser eles agora vão ver a força duma mulher ninguém judia de ti enquanto força eu tiver.
- 114- Peça estas duas pedrinhas a leva as duas na mão elas num lugar escuro te servem de lampião, lá tu fazes um discurso na porta do alçapão.
- 115- Nessa hora ali por perto fica tudo admirado joga as pedrinhas no chão e dás um salto de lado, o fogo que sai das pedras deixa o povo encantando.
- 116- José compreendeu tudo aprontou-se pra sair quando o rei deu-lhe o ofício começou a discutir, pulou dentro e saiu fora sem ninguém lhe presentir.
- 117- Todos murmuraram: Aquele! Nunca mais há de voltar pois só no pulo que deu viu-se o fogo rebrilhar, as labaredas do inferno na porta o veio encontrar.
- 118- José no mesmo momento pra sua casa voltou ao chegar, mais que depressa, em um quarto de trancou, a mulher tomou-lhe a roupa no fumeiro desprezou.
- 119- Toda dia ela queimava muito enxofre no fumeiro porém sempre às escondidas pra não despertar olheiro, assim foi continuando completou um mês inteiro.
- 120- José, como quem s'tá preso, o cabelo não cortava, não lavava pés nem mãos, as unhas não aparava, um banho nunca tomou nem nunca se barbeava.
- 121- Vou dizer o que fazia o rei com seu barbeiro que montava no seu carro na roupa só tinha cheiro, iam visitar as moças só chegavam n terreiro.
- 122- No palácio de José quando o rei ia saltava, a princesa na janela jamais o

- cumprimentava, se o rei subia à calçada o palácio se fechava.
- 123- O rei montava de novo começava a rodear ela deixava a janela procurar outro lugar, o rei se desenganou não quis mais nem passear.
- 124- Vamos tratar de José de qual forma se arranhou, desse-lhe então a princesa eu vou ver que jeito dou para o barbeiro passar pelo que você passou.
- 125- Para a princesa vingar-se do que o barbeiro fazia escreveu uma resposta com grande diplomacia em caracteres gregos que só o diabo entendia.
- 126- Escrito: Meu caro neto, aqui estou sossegado, fiquei ciente de tudo que foi participado, pelo mesmo portador estou mandando um recado.
- 127- Aqui tenho quase tudo sem ser sujeito a ninguém só está faltando um barbeiro que por hora aqui não tem para cortar-me o cabelo, tirar-me a barba também.
- 128- Meu neto, aqui no inferno, as tuas ordens estou manda pra cá teu barbeiro pois saber que lá não vou: bênção e saudações, do finado teu avô.
- 129- Aí José se vestiu com roupa defumada fedendo muito a enxofre, a espada enferrujada, o cabelo feito um monge e a barba toda assanhada.
- 130- Botou a carta no bolso no mesmo instante levou para entrega-la na corte como princesa mandou mas antes de chegar lá com um praça deparou.
- 131- Ele repeliu o praça com muita benevolência dizendo: Eu sou general conheço a jurisprudência ao me encontrar, por favor, se perfile em continência.
- 132- Ao adentrar o palácio foi logo encontrando o rei que de longe perguntou: Quem és que até me espantei? Sou o general da carta que do inferno voltei.
- 133- Estive com vosso avô ele mandou-lhe um ofício, receba, aqui está ele, trazê-lo foi sacrifício, não foi pior a viagem porque lá vi um patrício.
- 134- Quando o rei foi ler a carta já no parágrafo primeiro viu logo que seu avô mandou chamar o barbeiro, disse o rei: Vá se aprontar para um mandado e, ligeiro!
- 135- É pra seguir de manhã não pode se demorar meu avô mandou chama-lo e eu não posso negar, é para fazer-lhe a barba e seu cabelo cortar.
- 136- Disse o barbeiro, está bem, com o general seguiu, fez também o seu discurso quando o alçapão se abriu ele, navalha e tesoura no grande abismo caiu.
- 137- Ele morreu de repente daquela queda fatal, José ficou descansado de quem lhe fez tanto mal depois que o rei faleceu continuou general.
- 138- José foi “eleito” rei de toda aquela nação, um dia a princesa disse-lhe teu pai está na prisão tua mãe está também junto com teu irmão.
- 139- Por isso é bom sair cedo vá para aquele lugar e espere pelo povo que

- ele tem de passar, tome-os das mãos dos soldados quero com eles falar.
- 140- José foi lá para o ponto com pouco avistou seu pai, sua mãe e seus irmãos dando suspiros e aí, José bradou: Esse povo daqui pra frente não vai.
- 141- Os soldados responderam: vai tudo aí processado os levamos pro juiz para ser interrogado, gritou o rei, ordenando, dê meia volta soldado.
- 142- José levou todos três e entregou a princesa ela lhe cortou as cordas sentou-se em u'a marquesa ficaram todos com medo quando chegaram na mesa.
- 143- Disse o velho: Com toda certeza nós vamos todos morrer pois certamente não vão beneficio nos trazer. Disse a velha: e é na forca, pegaram se maldizer.
- 144- Puseram o jantar na mesa: pra Antônio FEIJÃO COM BREDOS, pra João BANANA COM CASCA, ficaram todos comendo, disse a velha: Ah meu Jesus já descobriram o segredo.
- 145- A princesa disse a eles: Vejo tudo amedrontado, minha velha, sente aqui e conte o que foi passado se não disser morre tudo de um por um degolado.
- 146- A senhora me responda quantos filhos já tem tido. – Tenho João e Antônio e outro que têm morrido. – A senhora não tem outro? Que está no mundo perdido?
- 147- Conte a história direito não é preciso negar, cadê José seu caçula?
- Deve ainda se lembrar. Disse-lhe a velha, essa história eu não posso çhe contar.
- 148- A velha “morta” de medo fez a princesa um pedido, dizendo: eu tive José, meu caçula tão querido mas faz dez anos que ele ando no mundo perdido.
- 149- Era um menino peralta que um dia abusou da sina pois desejou ver as pernas das MOÇAS DE PEDRA FINA, meu marido teve medo foi com ele a disciplina.
- 150- Disse a princesa: O menino apanhar não merecia, se por acaso a senhora visse ele conhecia? Ela respondeu: Conheço a qualquer hora do dia.
- 151- Ela perguntou à velha mas já lhe mostrando agrado, Veja se conhece aquele que se encontra ali sentado? Disse-lhe a velha, é o rei, governador desse estado.
- 152- José não aguentou mais partido de emoção abraçou-se com a velha chorando pediu perdão, ajoelhou-se nos pés dela pra lhe tomar bênção.
- 153- José abraçou a todos como era um bom irmão, Romana casou com Antônio, a Caçula com João, foram viver no reinado na mais perfeita união.
- 154- Por isso devemos ter pensamento adiantado vejam quem José um pobre trabalhador do roçado desejou ver a princesa viu e foi recompensado.
- 155- Viveram todos felizes para sempre. Oh! Maravilha! José igual uma estrela que no firmamento brilha

trouxe mil felicidades pra si próprio
e pra família.

156- L – embrei desse história, pois.

G- osei como terminou

O- começo foi ruim

M- as lá pra o fim melhorou

É- assim que deve ser,

S- ó vale a pena viver

B- uscando o que Zé buscou.

(Leandro Gomes)